CENTRO UNIVERSITÁRIO CARIOCA – UNICARIOCA
MESTRADO PROFISSIONAL EM NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

Carlos Henrique Sant'Ana da Costa

CABO FRIO, HISTÓRIA E CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E IDENTIDADE LOCAL: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

Rio de Janeiro – RJ
2024

Carlos Henrique Sant'Ana da Costa

Cabo Frio, história e construção da memória e identidade local: experiências e desafios para a Educação Básica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Lidice de Moraes Valim

Rio de Janeiro – RJ
2024

CARLOS HENRIQUE SANT'ANA DA COSTA

CABO FRIO, HISTÓRIA E CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E IDENTIDADE LOCAL: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

A Presidente da Banca, abaixo assinado, atesta que os membros da banca participaram desta defesa de dissertação.

Examinado por:

gov.br Documento assinado digitalmente
ROSA LIDICE DE MORAES VALIM
Data: 24/05/2024 10:09:00-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Rosa Lidice de Moraes Valim, D. Sc. (UniCarioca)
Presidente da Comissão Examinadora

Profa. Veronica Eloi de Almeida, D. Sc. (UniCarioca)

Prof. Thiago de Souza dos Reis, D. Sc. (UNIRIO)

Rio de Janeiro

2024

C719c Costa, Carlos Henrique Sant'Ana da
Cabo Frio, história e construção da memória e identidade local: experiências e desafios para a educação básica / Carlos Henrique Sant'Ana da Costa; orientadora: Rosa Lidice de Moraes Valim. – Rio de Janeiro, 2024.
59 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) – Centro Universitário UniCarioca, Rio de Janeiro, 2024.

1.Cabo Frio (RJ) - História e memória. 2 Cabo Frio (RJ) - Educação básica. I. Valim, Rosa Lidice de Moraes, prof. orient. II. Título.

CDD: 370.981

Dedico este trabalho à memória da minha mãe, Lina Sant'Ana da Costa, cujo amor, apoio e inspiração foram fundamentais em minha jornada. Mesmo ausente fisicamente, sua presença e ensinamentos continuam a guiar-me todos os dias. Obrigado por tudo, minha querida mãe.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que estiveram ao meu lado durante esta jornada. Assim, primeiramente, agradeço a Deus e a Meu Pai Osoguiã, por guiarem meus passos, iluminarem meu caminho e me concederem força e perseverança para enfrentar os desafios que surgiram ao longo deste trabalho.

Agradeço profundamente ao meu marido e companheiro de todas as horas, Bruno Barreto da Silva, pelo apoio incondicional, compreensão e incentivo constantes. Sua presença foi meu porto seguro em todos os momentos, e sou imensamente grato por tê-lo ao meu lado.

Aos meus orientadores, Rosa Valim e Alessandro Jatobá, dedico um agradecimento especial. Suas orientações, *insights* e apoio foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. Suas orientações foram fundamentais para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

Ao Dr. Thiago Reis, amigo da vida e colega de trabalho, expresso minha gratidão pela sua orientação, apoio e contribuições valiosas ao longo deste processo. Sua *expertise* e amizade foram fundamentais para o sucesso deste trabalho.

Às escolas Menino Jesus e Marcia Francesconni Pereira, onde trabalhei durante anos, dedico um agradecimento especial. Foi nesses ambientes enriquecedores que pude realizar esta pesquisa, explorando novos horizontes e adquirindo conhecimentos que foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

Às minhas eternas filhas *pets*, Lud e Anitta, que me acompanharam em todos os momentos de escrita deste trabalho, dormindo sempre perto ou brincando com seus objetos roedores, emanando amor e carinho ao exaustivo processo.

A todos os meus colegas de trabalho, que pacientemente me ouviram falar sobre esta pesquisa incansavelmente, expresso minha profunda gratidão. Suas opiniões, sugestões e encorajamentos foram inestimáveis e contribuíram significativamente para o progresso deste trabalho. A cada um de vocês, meu mais sincero obrigado. Este trabalho não seria possível sem o apoio e as contribuições de todos vocês.

Carlos Henrique Sant'Ana da Costa

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Rubem Alves

Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes.

Paulo Freire

RESUMO

Memória, história e identidade representam o tema sobre o qual se debruça esta dissertação, intitulada *Cabo Frio, história e construção da memória e identidade local: experiências e desafios para a Educação Básica*. A respeito deste tema, é importante mencionar que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – 9394/96), em seu Art. 1º, destaca que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Esta pesquisa questiona a respeito do seguinte problema: apesar da relevância histórico-cultural de Cabo Frio, há grandes obstáculos para uma efetiva educação que busque formar o cidadão crítico de sua sociedade. É comum que o aluno não se reconheça nos conteúdos e objetos do conhecimento que estuda em sala de aula. Isso é reflexo, em grande medida, da ausência do poder público na constituição de políticas públicas voltadas para a educação, principalmente no desenvolvimento de projetos de valorização da história e geografia locais, disciplinas que são de extrema importância para a constituição do sentimento de pertencimento e identidade local. Acredita-se que, se não houver reconhecimento, por parte dos alunos, da memória e identidade locais de Cabo Frio, mesmo havendo um sistematização do poder público local para aplicação como conteúdo dentro do trimestre letivo, então há que se implementar um ensino que acolha o educando local e possibilite seu reconhecimento e pertencimento enquanto cidadão que pode crescer em sua cidade, em vez de optar pela migração ou não vislumbrar uma inserção no mercado de trabalho de forma segura e valorizada. Esta dissertação objetiva refletir sobre o desenvolvimento de ferramentas pedagógicas digitais sobre a história, memória e identidade locais de Cabo Frio para uso de professores da Educação Básica. Para tanto, precisou-se: (1) realizar pesquisa bibliográfica a respeito dos seguintes assuntos: história, memória, pertencimento e identidade, bem como sistematizar informações referentes à legislação municipal relacionada à obrigatoriedade ou sugestão do ensino da geografia e história de Cabo Frio no âmbito da Educação Básica; (2) realizar relato de vida pessoal; (3) analisar dados do relato à luz dos dados bibliográficos, valendo-se da técnica da análise descritiva de dados qualitativos. Espera-se incentivar ações que valorizem e contribuam para a preservação do patrimônio histórico-cultural (material e imaterial), evidenciando a prática da memória local. Para além, foi produzido um material didático para auxiliar professores a trabalharem história, memória e identidade em suas aulas.

Palavras-chave: História; memória; pertencimento; identidade.

ABSTRACT

Memory, history and identity, represented the theme on which this dissertation entitled Cabo Frio, History and the construction of memory and local identity: experience and challenges for Basic Education. Regarding this topic, it is important to mention that the Law of Guidelines and Bases of National Education (LDB 9394/96), in its Article 1, highlights that education encompasses the formative processes that develop in family life, in human coexistence, in work, in teaching and research institutions, in social movements and civil society organizations and in cultural manifestations. This research questioned the following (problem): despite the historical-cultural relevance of Cabo Frio, there were major obstacles to an effective education that sought to form citizens, critical of their society. It is common for students not to recognize themselves in the contents and objects of knowledge they study in the classroom. This is a reflection, to a large extent, of the absence of Public Power in the constitution of public policies aimed at Education, mainly in the development of projects to enhance local History and Geography, disciplines that are extremely important for the constitution of the feeling of belonging and local identity. It was believed that (hypothesis): if there was no recognition on the part of the students, of the memory and local identity of Cabo Frio, even if there was a systematization by the local public authorities for application as content within the academic quarter, then it would be necessary to implement a teaching that would welcome local students and enable recognition and belonging as citizens, who can grow in their city, instead of opting for migration or not envisaging insertion into the job market in a safe and valued way. This dissertation aimed (general objective) to reflect on the development of digital pedagogical tools on the local history, memory and identity of Cabo Frio for use by Basic Education teachers. To this end (specific objectives), it was necessary (1) to carry out bibliographical research regarding the following subjects: history, memory, belonging and identity, as well as systematize information regarding municipal legislation related to the mandatory or suggested teaching of Geography and History of Cabo Frio within the scope of Basic Education; (2) report on personal life; (3) analyze data from the report in light of bibliographic data using the technique of descriptive analysis of qualitative data. It was hoped that, in the end, it would encourage actions that valued and contributed to the preservation of historical-cultural heritage (material and immaterial), highlighting the practice of local memory. Furthermore, the aim was to produce teaching material that helps teachers work on History, Memory and Identity in their classrooms.

Keywords: History; memory; belonging; identity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Informações sobre datas e eventos históricos relacionados a Cabo Frio 23
Quadro 2 – Tópicos e achados da pesquisa em Cabo Frio.....32
Quadro 3 – Passo a passo para aplicação do produto educacional.....53

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11
1.1 Inquietação e justificativa: o valor desta pesquisa 11
1.2 Problema e hipótese 12
1.3 Objetivos 13
1.4 Caminhos metodológicos 13
1.5 O produto: contornos 13
2 OBJETO DE ESTUDO: PERTENCIMENTO E IDENTIDADE DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE CABO FRIO 14
3 REFERENCIAL TEÓRICO 16
3.1 História e memória de Cabo Frio 23
3.2 Objetos do conhecimento relacionados à história e à geografia de Cabo Frio 25
3.3 Cultura e localização geográfica dos alunos da Educação Básica de Cabo Frio 27
3.4 O ensino da geografia e história de Cabo Frio no âmbito da Educação Básica 29
4 CAMPO: RELATO PESSOAL (E ANÁLISE DOS DADOS) 31
5 PRODUTO CONSOLIDADO 52
5.1 Descrição do produto 52
5.2 Aplicação 52
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 57

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação debruça-se sobre o tema *Cabo Frio, história e construção da memória e identidade local: experiências e desafios para a Educação Básica*.

Cabo Frio é a sétima cidade mais antiga do Brasil, dista 155 km da capital Rio de Janeiro, possui uma população de aproximadamente 230 mil habitantes, situa-se 4 metros acima do nível do mar e está inserida no Parque Estadual da Costa do Sol.

Foi uma cidade produtora e grande exportadora de sal e teve seu pau-brasil explorado no período colonial, restando somente um remanescente na APA Pau-Brasil. Passou por conflitos e guerras entre portugueses, franceses e indígenas no período colonial (século XVI) e guardou um grande arsenal histórico-cultural ainda desse período e que fez da cidade a mais importante da Região dos Lagos.

De acordo com Santos (1996, p. 273): “Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente". É no lugar que a cultura vai ganhar sua dimensão simbólica e material, combinando matrizes globais, nacionais, regionais e locais.

1.1 Inquietação e justificativa: o valor desta pesquisa

Para Jörn Rüsen (2001), a identidade histórica consiste na ampliação do horizonte nas experiências do tempo e nas intenções acerca do tempo, no qual os sujeitos agentes se asseguram da permanência de si mesmos na evolução do tempo. O ponto extremo dessa consolidação de identidade é a ‘humanidade’, como suprassumo dos pontos comuns em sociedade, com respeito à qual diversos sujeitos agentes no processo de determinação de suas próprias identidades determinam as dos outros de forma tal que estes se reconhecem nelas.

Esse critério de sentido, ‘humanidade’, fornece o parâmetro para se constatar a consolidação da identidade em que desembocam o progresso contínuo do conhecimento mediante a pesquisa histórica e a ampliação contínua das perspectivas mediante a reflexão histórica sobre referenciais (Rüsen, 2001).

Além disso, a legislação educacional, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96), e outros dispositivos legais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), indicam a necessidade de uma educação acolhedora que trate dos aspectos locais da vida do aluno/cidadão e de sua comunidade.

Portanto, a identidade local, sobretudo no âmbito da educação, é um direito que deve ser resguardado pelo poder público, já que colabora para o processo de humanização do indivíduo e de construção de sua cidadania.

1.2 Problema e hipótese

Apesar da relevância histórico-cultural de Cabo Frio, houve grandes obstáculos para uma efetiva educação que buscasse formar o cidadão crítico de sua sociedade. É comum que o aluno não se reconheça nos conteúdos e objetos do conhecimento que estuda em sala de aula. Isso é reflexo, em grande medida, da ausência do poder público na constituição de políticas públicas voltadas para a educação, principalmente no desenvolvimento de projetos de valorização da história e geografia locais, disciplinas que são de extrema importância para a constituição do sentimento de pertencimento e identidade local. A educação histórica e a formação da consciência histórica dos sujeitos não ocorrem apenas na escola, mas em diversos lugares. Isto requer de nós uma relação viva e ativa com o tempo e o espaço do mundo no qual vivemos, por menor que ele seja.

O meio no qual vivemos traz as marcas do presente e de tempos passados. Nele encontramos vestígios, monumentos, objetos, imagens de grande valor para a compreensão do imediato, do próximo e do distante. O local e o cotidiano como lugares de memória são constitutivos e ricos de possibilidades educativas e formativas (Fonseca, 2006).

Acredita-se que, se não há reconhecimento, por parte dos alunos, da memória e identidade locais de Cabo Frio, mesmo havendo um sistematização do poder público local para aplicação como conteúdo dentro do trimestre letivo, então há que se implementar um ensino que acolha o educando local e possibilite seu reconhecimento e pertencimento enquanto cidadão que pode crescer em sua cidade, em vez de optar pela migração ou não vislumbrar uma inserção no mercado de trabalho de forma segura e valorizada.

O estudo da história local em Cabo Frio ajuda na compreensão de suas especificidades, sua relação com a história colonial brasileira, sua posterior inserção na história nacional e possibilidades de diálogo com a história global (Schmidt, 2007).

1.3 Objetivos

Esta dissertação objetiva [objetivo geral] refletir sobre o desenvolvimento de ferramentas pedagógicas digitais sobre a história, memória e identidade locais de Cabo Frio para uso de professores da Educação Básica.

Para tanto [objetivos específicos], precisou-se: (1) realizar pesquisa bibliográfica a respeito dos seguintes assuntos: história, memória, pertencimento e identidade, bem como sistematizar informações referentes à legislação municipal relacionada à obrigatoriedade ou sugestão do ensino de geografia e história de Cabo Frio no âmbito da Educação Básica; (2) realizar relato de vida pessoal; (3) analisar dados do relato à luz dos dados bibliográficos, valendo-se da técnica de análise descritiva de dados qualitativos. Espera-se incentivar ações que valorizem e contribuam para a preservação do patrimônio histórico-cultural (material e imaterial), evidenciando a prática da memória local.

1.4 Caminhos metodológicos

O método estruturante desta dissertação se baseou no relato de vida pessoal, uma abordagem qualitativa que visa explorar a experiência e narrativa de um indivíduo em relação ao tema de estudo. Isso é feito através de entrevistas detalhadas e reflexivas, buscando compreender as percepções, vivências e significados atribuídos pelo participante à sua própria vida e às questões em análise.

Por outro lado, a análise descritiva de dados qualitativos foi a metodologia empregada para examinar os dados coletados. Ela envolve a organização e interpretação sistemática das informações, destacando padrões, temas e nuances presentes nos relatos, sem aplicar inferências estatísticas. Essa abordagem busca uma compreensão aprofundada dos dados, fornecendo *insights* ricos e contextuais sobre o fenômeno estudado.

1.5 O produto: contornos

Por fim, é importante pontuar que este mestrado é profissional e, portanto, demanda que um produto seja desenvolvido. Pretendeu-se criar um material didático que auxilie professores de geografia a trabalharem pertencimento e história local com os alunos em sala de aula. Detalhes inerentes a esse produto encontram-se apresentados no capítulo 6 desta dissertação.

2 OBJETO DE ESTUDO: PERTENCIMENTO E IDENTIDADE DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE CABO FRIO

De acordo com o último Censo Escolar (2020), somente na cidade de Cabo Frio existem 159 escolas e 49.581 alunos matriculados, sendo apenas na rede pública municipal 31.500 alunos distribuídos em 90 escolas, tratando-se, portanto, de uma rede municipal ampla e que, por isso, apresenta demandas próprias relacionadas ao público ao qual se dedica (INEP, 2020).

Embora Cabo Frio possua um patrimônio histórico e cultural expressivo, esse potencial nem sempre se converte em práticas pedagógicas capazes de promover uma formação cidadã crítica. No cotidiano escolar, percebe-se que muitos estudantes estabelecem pouca ou nenhuma relação entre os conteúdos trabalhados em sala de aula e a realidade social e espacial em que estão inseridos. Essa desconexão evidencia limites na integração entre o currículo escolar e as especificidades do contexto local, especialmente no que se refere à história e à geografia. A fragilidade de iniciativas institucionais voltadas à valorização do espaço vivido compromete o fortalecimento de vínculos identitários e o desenvolvimento do sentimento de pertencimento, elementos fundamentais para uma educação comprometida com a compreensão crítica do território e da sociedade.

Este estudo contempla a análise das representações, que são construídas socialmente e refletem as relações que estabelecemos com e na sociedade em que vivemos. Nesse sentido, esta reflexão pode proporcionar escolhas e caminhos pedagógicos que possibilitam ao aluno e ao professor a crítica de sua própria condição enquanto indivíduo e cidadão, seus valores e as escolhas que faz em sociedade e relacioná-las com questões próprias de seu tempo, lugar e grupo de convívio (Zamboni, 1993).

A partir das contribuições teóricas de autores como Jörn Rüsen, Stuart Hall, Peter Berger, Zygmunt Bauman, Michel Maffesoli, Boaventura de Sousa Santos, Milton Santos e Néstor García Canclini, busca-se analisar como as representações sociais são construídas e compartilhadas no contexto educacional de Cabo Frio.

A ausência de políticas públicas voltadas para a valorização da história e geografia locais gera desafios significativos para uma educação efetiva, capaz de promover o desenvolvimento de uma consciência crítica e o sentimento de pertencimento dos alunos à sua comunidade. Este estudo visa, portanto, investigar as percepções dos alunos sobre sua própria identidade e pertencimento, bem como os fatores que influenciaram na construção dessas representações.

A análise das representações sociais dos alunos permite não apenas compreender suas vivências e experiências, mas também identificar possíveis caminhos pedagógicos que promovam uma educação mais inclusiva e significativa. Ao conectar as questões locais às dinâmicas globais, esta pesquisa busca contribuir para a construção de uma identidade escolar mais sólida e para o fortalecimento dos laços de pertencimento dos alunos com sua comunidade e sua história.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A cidade de Cabo Frio, enraizada em uma história rica e uma geografia singular, tem sido objeto de estudo e reflexão por diversos pensadores contemporâneos. Ao analisarmos Cabo Frio através das lentes de Peter Berger (1963, 1966, 2007), Michel Maffesoli (2000, 2003), Boaventura de Sousa Santos (2007, 2010), Milton Santos (1988, 1996, 2000) e Néstor García Canclini (1990, 2008), somos capazes de compreender aspectos diversos da identidade local e sua interação com a memória, cultura e sociedade.

Peter Berger (1966), em sua abordagem sociológica, ressalta a construção social da realidade. Em Cabo Frio, essa construção se manifesta nas interações sociais e nas narrativas compartilhadas que moldam a percepção coletiva da identidade local. Desde os conflitos coloniais até o desenvolvimento econômico, cada aspecto da história da cidade contribuiu para essa construção identitária.

De acordo com Berger (1966), em sua obra *A Construção Social da Realidade*, escrita em parceria com Thomas Luckmann, a realidade é socialmente construída através das interações humanas e das instituições sociais. O autor argumenta que a realidade é produto das atividades humanas em conjunto, sendo moldada e reforçada por meio das práticas sociais e das estruturas institucionais.

Em Cabo Frio, essa perspectiva de Berger (1966) se torna evidente ao analisarmos a formação da identidade local. As interações sociais entre os habitantes da cidade, bem como as narrativas compartilhadas sobre sua história e cultura, desempenham um papel fundamental na construção dessa identidade. Ao longo dos séculos, desde os conflitos coloniais até o desenvolvimento econômico, cada evento e aspecto da história de Cabo Frio contribuiu para a configuração dessa identidade coletiva.

Por exemplo, em seu livro *Invitation to Sociology: A Humanistic Perspective*, Berger (1963) discute como os indivíduos interpretam e atribuem significado às experiências sociais através de processos simbólicos e interativos. Essa análise foi aplicada ao contexto de Cabo Frio, onde os habitantes constroem sua identidade através da interpretação e reinterpretação dos eventos históricos e das tradições culturais locais.

Além disso, em *The Social Construction of Reality: A Treatise in the Sociology of Knowledge*, Berger e Luckmann (1966) exploram como as instituições sociais, como a família, a religião e a educação, desempenham um papel crucial na perpetuação da realidade socialmente construída. Em Cabo Frio, essas instituições também influenciam a forma como a

identidade local é transmitida e reproduzida ao longo do tempo, através de práticas culturais, celebrações e rituais comunitários.

Portanto, conclui-se que a perspectiva de Peter Berger (1966) sobre a construção social da realidade oferece *insights* valiosos para entendermos como a identidade de Cabo Frio é formada e mantida ao longo do tempo, destacando a importância das interações sociais e das instituições sociais na moldagem dessa identidade coletiva.

Michel Maffesoli (2000), por sua vez, destacou os "efeitos de pertencimento" na contemporaneidade. Em Cabo Frio, esses efeitos são evidentes no forte vínculo afetivo que os habitantes têm com sua cidade, refletido nos símbolos e tradições locais. A identidade de Cabo Frio foi profundamente enraizada na experiência compartilhada de seus moradores, permeando todas as esferas da vida cotidiana e fortalecendo os laços comunitários.

Maffesoli (2000), em sua obra *O Tempo das Tribos: O Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa*, destaca os "efeitos de pertencimento" como uma característica marcante da vida social contemporânea. Maffesoli (2000) argumenta que, em meio à fragmentação e à liquidez das relações sociais na sociedade pós-moderna, os indivíduos buscam cada vez mais por conexões afetivas e identitárias que proporcionem um senso de pertencimento e comunidade.

Esses "efeitos de pertencimento" se manifestam de forma evidente em Cabo Frio, onde os habitantes cultivam um forte vínculo afetivo com sua cidade. Essa ligação emocional é refletida nos símbolos e tradições locais, que desempenham um papel significativo na construção e na manutenção da identidade coletiva. Por exemplo, as festas populares, como a Festa de São Benedito, e os rituais religiosos são expressões tangíveis desse vínculo afetivo, que permeia todas as esferas da vida cotidiana dos moradores.

Em seu livro *O Instante Eterno: O Retorno do Trágico nas Sociedades Pós-Modernas*, Maffesoli (2003) explora como as comunidades afetivas e os laços comunitários são essenciais para o bem-estar emocional e psicológico dos indivíduos na contemporaneidade. Em Cabo Frio, essa dimensão emocional da vida social é evidente na forma como os habitantes se apoiam mutuamente, compartilhando experiências, memórias e valores comuns que fortalecem os laços de solidariedade e pertencimento.

Portanto, conclui-se que os "efeitos de pertencimento", conforme descritos por Michel Maffesoli (2000), desempenham um papel fundamental na construção da identidade de Cabo Frio, enraizando-a profundamente na experiência compartilhada de seus moradores. Essa conexão emocional e afetiva com a cidade não apenas fortalece os laços comunitários, mas

também contribui para o senso de identidade e pertencimento dos habitantes, permeando todas as dimensões da vida cotidiana.

Boaventura de Sousa Santos (2010), ao explorar a epistemologia do sul, propõe uma reflexão sobre as formas alternativas de conhecimento e resistência. Em Cabo Frio, essa perspectiva nos convida a valorizar as narrativas locais e os saberes populares como instrumentos legítimos de compreensão e interpretação da história e geografia da cidade. É fundamental reconhecer a diversidade de vozes e perspectivas que contribuem para a construção da identidade local.

Santos (2010), em sua obra *Epistemologias do Sul*, propõe uma reflexão crítica sobre os modelos dominantes de conhecimento e poder, destacando a importância de valorizar as formas alternativas de sabedoria e resistência que emergem das margens do sistema global. Ele argumenta que as epistemologias do sul, representadas pelos conhecimentos e práticas locais das comunidades marginalizadas, oferecem perspectivas únicas e complementares para a compreensão do mundo e a transformação social.

Em Cabo Frio, essa perspectiva da epistemologia do sul nos convida a reconhecer e valorizar as narrativas locais e os saberes populares como instrumentos legítimos de compreensão e interpretação da história e geografia da cidade. Por exemplo, os relatos orais dos moradores mais antigos sobre os eventos históricos locais, as práticas tradicionais de pesca e agricultura e os conhecimentos sobre o meio ambiente e os recursos naturais foram fontes importantes de sabedoria local que muitas vezes foram subestimadas ou ignoradas pelos modelos dominantes de conhecimento.

Em seu livro *Para Além do Pensamento Abissal: Das Linhas Globais a Uma Ecologia de Saberes*, Boaventura de Sousa Santos (2007) enfatiza a necessidade de descentralizar o conhecimento e dar voz às diferentes perspectivas e experiências, especialmente aquelas historicamente silenciadas ou subalternizadas. Em Cabo Frio, isso significa reconhecer a diversidade de vozes e narrativas que contribuíram para a construção da identidade local, incorporando os saberes populares e as histórias de vida das comunidades locais no processo de construção do conhecimento sobre a cidade.

Portanto, conclui-se que a abordagem da epistemologia do sul de Boaventura de Sousa Santos (2010) nos convida a repensar as hierarquias de conhecimento e a valorizar as formas alternativas de sabedoria que emergem das periferias e margens do sistema global. Em Cabo Frio, essa perspectiva nos desafia a reconhecer e valorizar os saberes populares e as narrativas locais como componentes essenciais da identidade e da memória coletiva da cidade.

Milton Santos (1996) enfatiza o papel do espaço na formação da identidade e cidadania. Em Cabo Frio, o espaço físico – suas praias, ruas históricas e bairros tradicionais – desempenham um papel central na construção da identidade local. É nesse contexto espacial que os habitantes de Cabo Frio encontram seu sentido de pertencimento e conexão com a cidade.

Milton Santos (1988, 2000), renomado geógrafo brasileiro, em suas obras como *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* e *Metamorfoses do Espaço Habitado* destaca o papel fundamental do espaço na construção da identidade e da cidadania. Ele argumenta que o espaço não é apenas um recipiente passivo onde as atividades humanas ocorrem, mas sim um elemento ativo que influencia e é influenciado pelas práticas sociais e culturais das pessoas.

Em Cabo Frio, essa visão de Santos (1996) encontra uma aplicação clara, onde o espaço físico desempenha um papel central na formação da identidade local. As características geográficas únicas da cidade, como suas belas praias, ruas históricas e bairros tradicionais, moldam a maneira como os habitantes se relacionam com o ambiente ao seu redor. Por exemplo, as praias de águas cristalinas e areias brancas não apenas atraem turistas, mas também são espaços de convívio e lazer para os moradores locais, fortalecendo seu senso de pertencimento à cidade.

Além disso, os bairros tradicionais de Cabo Frio, com sua arquitetura peculiar e história rica, servem como pontos de referência para os residentes, que se identificam com esses espaços e se sentem parte integrante da comunidade local. As ruas históricas, por exemplo, carregam as memórias e histórias da cidade, conectando o passado ao presente e fornecendo uma base sólida para a construção da identidade coletiva.

Portanto, afirma-se que, segundo Santos (1996), o espaço físico de Cabo Frio não é apenas um cenário onde a vida urbana se desenrola, mas um elemento ativo que molda e é moldado pelas interações sociais, culturais e históricas dos habitantes da cidade. É nesse contexto espacial que os moradores de Cabo Frio encontram seu sentido de pertencimento e conexão com a cidade, reforçando sua identidade local e cidadania.

Néstor García Canclini (1990), em sua análise sobre culturas híbridas, oferece uma ferramenta poderosa para entender a dinâmica cultural de Cabo Frio. A cidade, que é um ponto de encontro entre tradição e modernidade, reflete a hibridez cultural que caracteriza muitas sociedades contemporâneas. A coexistência de influências indígenas, africanas e europeias em Cabo Frio exemplifica a intersecção de diferentes culturas e a formação de novas identidades.

Néstor García Canclini (1990), renomado antropólogo e sociólogo argentino, em sua obra *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*, oferece uma análise profunda sobre o fenômeno da hibridez cultural nas sociedades contemporâneas. Ele argumenta que, em um mundo globalizado, as culturas estão constantemente se entrelaçando, resultando em formas híbridas que combinam elementos de tradições locais com influências globais.

Em Cabo Frio, essa perspectiva de Canclini (1990) é particularmente relevante, pois a cidade serve como um ponto de encontro entre tradição e modernidade. A hibridez cultural é evidente na coexistência de influências indígenas, africanas e europeias, que moldaram a identidade cultural da cidade ao longo dos séculos. Por exemplo, as tradições religiosas afro-brasileiras, como o candomblé, coexistem com práticas religiosas católicas, criando uma rica tapeçaria de práticas culturais e espirituais que refletem a diversidade da população local.

Em síntese, a identidade de Cabo Frio é um fenômeno multifacetado, influenciado por uma variedade de fatores sociais, culturais e geográficos. Através das contribuições desses diversos autores, podemos ampliar nossa compreensão da complexidade e riqueza da identidade local e sua importância na construção de uma sociedade mais inclusiva e democrática.

A cidade de Cabo Frio, considerada a sétima mais antiga do Brasil, é rica em história e geografia, elementos fundamentais na construção da memória e identidade locais. Esta dissertação se propõe a explorar como a interseção entre geografia, história e educação pode contribuir para o fortalecimento da identidade e pertencimento dos habitantes de Cabo Frio, especialmente no contexto da Educação Básica.

Jörn Rüsen (2001) destaca a importância da identidade histórica como um processo de ampliação do horizonte temporal, no qual os sujeitos se asseguram da sua permanência na evolução do tempo. Neste sentido, a cidade de Cabo Frio, com sua história marcada por conflitos coloniais e desenvolvimento econômico, representa um palco rico para a construção dessa identidade.

Além disso, Santos (1996) salienta que cada lugar é simultaneamente objeto de uma razão global e local, destacando a importância da dimensão simbólica e material da cultura em contextos específicos. A compreensão da história e geografia local é, portanto, essencial para a formação da identidade individual e coletiva dos habitantes de Cabo Frio.

A legislação educacional brasileira reconhece a importância da valorização dos aspectos locais na Educação Básica, como evidenciado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) e na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). A promoção da identidade local na educação colabora para a humanização do indivíduo e para a construção da sua cidadania, sendo um direito que deve ser resguardado pelo Estado.

Apesar da relevância histórica e cultural de Cabo Frio, existem desafios significativos na efetivação de uma educação que valorize a história e geografia locais. Muitas vezes, os alunos não se reconhecem nos conteúdos curriculares, refletindo a falta de políticas públicas voltadas para a promoção da identidade local na educação.

A ausência de vínculo afetivo com a cidade e a busca por oportunidades em locais mais desenvolvidos são desafios enfrentados pela população de Cabo Frio. No entanto, a cidade possui um potencial educacional e histórico que pode ser explorado para promover o sentimento de pertencimento e identidade local entre seus habitantes.

Refletindo sobre o desenvolvimento de ferramentas pedagógicas digitais sobre a história, memória e identidade locais de Cabo Frio, visando seu uso por professores da Educação Básica, os objetivos específicos deste estudo incluíram a realização de pesquisa bibliográfica, o diagnóstico dos obstáculos para o debate desses temas na educação local, a sistematização da legislação municipal relacionada ao ensino da história e geografia de Cabo Frio, a coleta de dados sobre o uso desses conteúdos pelos profissionais da educação e o incentivo à preservação do patrimônio histórico-cultural da cidade.

Foi fundamental considerar aspectos éticos na realização desta pesquisa, especialmente no que diz respeito à coleta de dados junto aos alunos e à sua posterior análise. Foi necessário obter autorização dos responsáveis legais dos menores de idade e respeitar os preceitos éticos estabelecidos pela legislação nacional e pelo Conselho Nacional de Saúde.

Quanto à metodologia, foi realizada uma pesquisa preliminar para confirmar os elementos estruturantes da dissertação e compreender os desafios associados ao uso de conteúdos locais na educação. Além disso, foi adotada a técnica da leitura flutuante de Bardin (1977) para analisar os dados coletados à luz dos referenciais teóricos.

A cidade de Cabo Frio possui uma rica história e geografia que oferecem inúmeras oportunidades para a promoção da identidade local na educação. Esta pesquisa busca contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras que valorizem a história, geografia e memória da cidade, fortalecendo os laços dos alunos com sua comunidade e promovendo uma educação mais contextualizada e significativa.

Este capítulo encontra-se organizado em quatro tópicos, que buscam aprofundar a discussão teórica e contextual que fundamenta a proposta deste trabalho. Inicialmente, aborda-se a relação entre memória, identidade e ensino, destacando contribuições teóricas relevantes para a compreensão da construção do sentimento de pertencimento. Em seguida, discute-se a importância da história e da geografia locais no contexto da Educação Básica, enfatizando seu papel na formação cidadã. O terceiro tópico dedica-se à análise do espaço urbano e das

transformações históricas de Cabo Frio, considerando seus impactos sociais e educacionais. Por fim, o quarto tópico apresenta reflexões sobre o papel da escola e das políticas educacionais na valorização do contexto local, articulando teoria e prática pedagógica.

Vale ressaltar que a ideia de pertencimento pretendeu buscar, no discorrer de cada análise, de cada visita e catalogação de dados relevantes para o conhecimento de todos, os assuntos pertinentes à memória e identidade locais de Cabo Frio, de forma que os estudantes da Educação Básica possam entender como se deu esse crescimento e como a ideia de pertencimento se dá com a real possibilidade de crescer profissionalmente em sua cidade natal.

Cabo Frio foi descoberta por Américo Vespúcio em 1503, tendo sido alvo constante de ataques piratas franceses e holandeses na exploração do pau-brasil, que era de excelente qualidade. Habitada pelos índios Tamoios, os portugueses procuravam a ajuda deles para a exploração do local.

Atualmente, Cabo Frio é um grande centro turístico com vasta rede de hotéis e pousadas para turistas nacionais e estrangeiros aproveitarem suas belezas naturais. As praias são famosas pela areia branca e fina. O clima tropical, no qual o sol brilha forte o ano inteiro e quase não chove, estimula fortemente esse turismo praiano.

A cidade de Cabo Frio, com sua história secular e sua geografia deslumbrante, continua a desempenhar um papel vital no cenário nacional e internacional. Através da análise das perspectivas teóricas de Peter Berger (1963, 1966, 2007), Michel Maffesoli (2000, 2003), Boaventura Santos (2007, 2010), Milton Santos (1988, 1996, 2000) e Néstor García Canclini (1990, 2008), pudemos mergulhar nas profundezas da identidade local e compreender sua relação intrínseca com a memória, cultura e sociedade.

Cabo Frio, como muitas outras cidades ao redor do mundo, é um testemunho vivo da complexidade e da diversidade da experiência humana. Suas ruas contam histórias de tempos passados, suas praias ecoam risadas de turistas e moradores locais, e seus monumentos são testemunhos silenciosos da passagem do tempo. Nesse contexto, as teorias apresentadas por Berger (1963, 1966, 2007), Maffesoli (2000, 2003), Santos (2007, 2010), Santos (1988, 1996, 2000), Canclini (1990, 2008) e outros nos fornecem uma lente poderosa para entender e apreciar a riqueza dessa experiência.

No entanto, não podemos perder de vista os desafios enfrentados por Cabo Frio e suas comunidades. A globalização, as mudanças climáticas e os desafios socioeconômicos representam ameaças significativas para a identidade e o bem-estar da cidade. É crucial, portanto, que continuemos a explorar e aprofundar nossa compreensão da identidade de Cabo Frio, buscando maneiras de preservar e fortalecer seus valores únicos e sua herança cultural.

Nesse sentido, esta dissertação representa apenas o primeiro passo em uma jornada contínua de descoberta e aprendizado. À medida que avançamos, é imperativo que nos comprometamos não apenas a entender a identidade de Cabo Frio, mas também a defendê-la e protegê-la para as gerações futuras. Somente através desse compromisso contínuo podemos garantir que Cabo Frio permaneça não apenas como uma cidade, mas como um símbolo duradouro da resiliência humana e da diversidade cultural.

Em síntese, a identidade de Cabo Frio é um fenômeno multifacetado, influenciado por uma variedade de fatores sociais, culturais e geográficos. Através das contribuições desses diversos autores, podemos ampliar nossa compreensão da complexidade e riqueza da identidade local e sua importância na construção de uma sociedade mais inclusiva e democrática.

3.1 História e memória de Cabo Frio

De acordo com o site da prefeitura local, Cabo Frio é a sétima cidade mais antiga do Brasil, dista 155 km da capital Rio de Janeiro, possui uma população de aproximadamente 230 mil habitantes, situa-se a 4 metros acima do nível do mar e está inserida no Parque Estadual da Costa do Sol (Cabo Frio, 2023).

Foi uma cidade produtora e grande exportadora de sal e teve seu pau-brasil explorado no período colonial, restando somente um remanescente na APA Pau-Brasil. Passou por conflitos e guerras entre portugueses, franceses e indígenas no período colonial (século XVI) e guarda um grande arsenal histórico-cultural ainda desse período, que faz da cidade a mais importante da Região dos Lagos (Cabo Frio, 2023). Para detalhes, ver o Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Informações sobre datas e eventos históricos relacionados a Cabo Frio

Datas e eventos	Detalhes sobre os eventos
1556 – Domínio Francês	Como o litoral nordestino era muito vigiado pelos portugueses, os franceses estavam cada vez mais explorando o sudeste do Brasil, e Cabo Frio era um dos seus pontos preferidos. O franco domínio na região foi estabelecido no ano de 1556, com a construção de uma feitoria denominada "Casa da Pedra" na região que hoje é a cidade de São Pedro da Aldeia. Esse domínio era crescente com a união deles com os índios que habitavam a região naquela época.
1575 – A Guerra de Cabo Frio	A chamada "Guerra de Cabo Frio" aconteceu em 1575. O governador do Rio de Janeiro, Antônio Salema, reuniu um poderoso exército com integrantes da Guanabara, São Vicente e Espírito Santo, apoiado por uma grande tropa tupiniquim catequizada. Os oficiais e soldados seguiram por terra e mar, tendo como objetivo liquidar o último bastião da Confederação dos Tamoios e acabar com o domínio francês, que já durava vinte anos em Cabo Frio.

1615 – A colonização	Já em 1615, o governador do Rio de Janeiro, Constantino Menelau, associou-se secretamente aos ingleses para traficar pau-brasil em Cabo Frio. Nesse mesmo ano, o governador foi obrigado a combater navios holandeses que aportavam na região. Voltou a Cabo Frio para expulsar os ingleses que o haviam enganado e construiu uma fortaleza-feitoria na ilha, utilizada anteriormente pelos portugueses e franceses, junto ao porto da barra de Araruama. Finalmente, Constantino Menelau recebeu ordens do Rei Filipe III, da Espanha, para mais uma vez retornar à região e estabelecer uma povoação. Em 13 de novembro de 1615, com a ajuda de quatrocentos homens brancos e índios catequizados, levantou a Fortaleza de Santo Inácio e fundou a cidade de Santa Helena do Cabo Frio, a sétima mais antiga do Brasil.
1650 – Início do desenvolvimento urbano	Entre 1650 e 1660, a grave crise do sal português que desabasteceu o Brasil chamou a atenção metropolitana para a cristalização natural do produto na Lagoa de Araruama. Com esse impulso dado à economia, um novo centro urbano era levantado junto à atual praça Porto Rocha: rasgou-se a rua Direita, hoje Érico Coelho, e foram construídos a Igreja de Nossa Senhora da Assunção, o sobrado da Câmara e da Cadeia, que formavam o Largo da Matriz, onde fincou-se o pelourinho. Em meados de 1660, cristalizaram-se as condições geopolíticas para o retorno de investimentos à cidade de Cabo Frio. Já em 1663, a administração volta a se reunificar na Bahia. José Varella é reconduzido ao cargo de capitão-mor do município e, pela primeira vez, nomeia-se um alcaide-mor para a cidade. O novo governador do Rio de Janeiro tenta impedir a posse de José Varella; o governador é censurado para não se ingerir na jurisdição de Campos dos Goytacazes, pertencente a Cabo Frio. A seguir, os beneditinos receberam uma sesmaria urbana, dando origem ao bairro de São Bento.
1720 – Dois séculos de expansão	Já no início do século XVIII, o Forte de São Mateus foi guarnecido e rearmado. A defesa da capitania passou a contar também com um terço de infantaria, além de um regimento de cavalaria. A cidade de Cabo Frio expandiu-se com o aumento da Igreja de Nossa Senhora da Assunção, com a construção da capela de Nossa Senhora da Guia, no Morro do Itajuru, e da Igreja de São Benedito, no Largo da Passagem. Na cidade viviam cerca de 1.500 habitantes em 350 casas, enquanto outros dez mil se espalhavam pela capitania, metade constituída por escravizados negros. Essa expansão urbana refletia o sucesso de várias atividades econômicas que eram exportadas para o Rio de Janeiro, em geral pela Barra de Araruama. Na agricultura, destacavam-se as plantações de anil, coxonilha, legumes, cana-de-açúcar, mandioca, feijão e milho, cujas maiores produções eram da fazenda Campos Novos, que continuava também a criar gado. Apesar da repressão portuguesa, a produção de sal ainda era abundante.
1847 – A visita imperial	A visita que Dom Pedro II fez à cidade, em 1847, estreitou as relações especiais que Cabo Frio mantinha com o governo imperial. Na ocasião, foi doada uma quantia para a construção da cobertura da Fonte do Itajuru e outra para o Charitas com o objetivo de facilitar sua manutenção e instalar uma enfermaria, que se mostrou de grande utilidade por ocasião das devastadoras epidemias de febre amarela e varíola que assolaram a região durante o século XIX. O Imperador visitou o estabelecimento modelo das Salinas Perynas, incentivado por ele próprio e de propriedade do alemão Lindenberg, que colocou em prática novos métodos de produção mineral, dando início ao moderno parque salineiro de Araruama.

1875 – A questão negreira	Duas questões relativas aos escravizados estremeceram Cabo Frio ao longo do século. A primeira refere-se ao crescimento das fugas, assassinatos de feitores e rebeliões de negros, resultando na formação de quilombos que sobressaltaram os senhores brancos, a despeito da ação dos capitães-do-mato. A segunda diz respeito à proibição do tráfico transatlântico de escravizados e o contrabando florescente que dele derivou. As praias do Peró, em Cabo Frio, de José Gonçalves e da Rasa, em Búzios, tornaram-se pontos de desembarque clandestino desse comércio humano. A marinha inglesa, em flagrante desrespeito às leis brasileiras, promoveu repressão ao tráfico e chegou a apreender navios negreiros na costa e a desembarcar fuzileiros navais em Cabo Frio e Búzios.

Fonte: Cabo Frio (2023).

A análise dos eventos históricos relacionados a Cabo Frio revela a complexidade e a dinâmica das relações entre diferentes povos e potências colonizadoras na região. Desde o domínio francês, estabelecido em 1556, até a colonização oficial, em 1615, a área foi palco de conflitos, alianças e interesses comerciais que moldaram sua história. A Guerra de Cabo Frio, em 1575, representa um ponto crucial, em que o governador do Rio de Janeiro mobilizou forças para acabar com o domínio francês, evidenciando a disputa pelo controle territorial. A associação secreta com os ingleses, em 1615, demonstra as intrigas e rivalidades entre as potências europeias na busca por recursos naturais. A fundação da cidade de Santa Helena do Cabo Frio marca o início de uma presença colonial mais consolidada, mas também revela as tensões e conflitos que permearam a ocupação da região (Cabo Frio, 2023).

Esses eventos históricos ressaltam a importância de entender a história local como parte integrante de um contexto global de expansão e dominação colonial.

3.2 Objetos do conhecimento relacionados à história e à geografia de Cabo Frio

Cabo Frio é um município brasileiro do estado do Rio de Janeiro localizado a uma altitude de quatro metros acima do nível do mar. Faz divisa com Armação dos Búzios ao leste, Arraial do Cabo ao sul, Araruama e São Pedro da Aldeia ao oeste, e Casimiro de Abreu e Silva Jardim ao norte. É o sétimo município mais antigo do Brasil e o principal da Região dos Lagos. É muito conhecido por suas atrações turísticas, tendo a Praia do Forte como o principal centro turístico. Em um lugar abençoado pela natureza e pela história, encontra-se Cabo Frio, uma cidade encantadora onde o mar beija a areia dourada e as montanhas se encontram com o horizonte (Cabo Frio, 2023).

Com uma população de mais de 200 mil habitantes, espalhados por uma vasta extensão territorial de aproximadamente 410 mil quilômetros quadrados, a cidade se destaca não apenas

pela sua beleza natural, mas também pela sua riqueza cultural e econômica. Cabo Frio desfruta de um clima tropical marítimo, com uma temperatura média anual agradável, de 23°C (Cabo Frio, 2023).

Seu desenvolvimento é evidente, com uma densidade demográfica de mais de 450 habitantes por quilômetro quadrado e uma impressionante renda *per capita* de mais de 84 mil reais. Este não é apenas um destino de férias, mas um local onde a vida pulsa em cada rua, onde o passado se entrelaça com o presente (Cabo Frio, 2023).

As atividades econômicas florescem na cidade, desde o turismo, que atrai visitantes de todas as partes do mundo, até a pesca, a extração de petróleo, a agricultura e o artesanato, que refletem a diversidade e a riqueza da cultura local (Cabo Frio, 2023).

Seu hino ecoa pelos cantos, enaltecendo suas belezas e lembrando a todos do orgulho que seu povo sente por sua terra. Como diz um trecho do próprio hino, em Cabo Frio "não há forasteiros", pois todos são recebidos de braços abertos em um lugar onde a igualdade e a hospitalidade são valores sagrados (Cabo Frio, 2023).

Dotada de grande potencial cultural, a cidade de Cabo Frio respira história, que serviu como base para a realização da pesquisa e a devida efetivação da memória e identidade, bem como o sentimento de pertencimento local (Cabo Frio, 2023).

A geografia de Cabo Frio é bem peculiar e possibilitou e possibilita uma exploração de suas riquezas, que construíram, ao longo dos séculos, um patrimônio material e imaterial (Cabo Frio, 2023).

Com clima tropical litorâneo, Cabo Frio é uma cidade que apresenta calor praticamente o ano todo. Sopra um tradicional vento nordeste, que empurra águas calmas e transparentes para áreas do mar distantes da costa, fazendo aflorar na região águas frias do fundo do mar, fenômeno denominado ressurgência, servindo como base para a cadeia alimentar marinha, o que efetiva uma piscosidade importante para a atividade pesqueira da região e que alimentou e alimenta até hoje várias famílias, seja de forma tradicional ou industrial (Cabo Frio, 2023).

O calor e o vento formam um ambiente propício para exploração do sal, que durante séculos abasteceu a metrópole colonizadora, além do pau-brasil, que foi explorado igualmente a outras riquezas já citadas (Cabo Frio, 2023).

Com base nas análises, não só podemos diferenciar e comparar as forças climáticas antropogênicas com as naturais, como podemos também adquirir uma noção de como as variáveis ambientais poderiam influenciar a humanidade em situações climáticas diferentes das atuais (Carvalho, 2004).

O debate sobre memória dentro da geografia já vem sendo feito por muitos geógrafos, dentre os quais vale destacar o ilustre Maurício de Almeida Abreu (2014), cujo legado teórico é, sem sombra de dúvida, um dos mais importantes. Lefebvre (1968, 1991, 2001) trouxe importantes contribuições ao entendimento do lugar da memória no cotidiano da cidade e os processos de reificação ocasionados pelo urbano. Também cabe destacar o pensamento de Armando Correia da Silva (2000) e Jörn Seemann (2003), que subsidiaram o entendimento da relação entre espaço e memória, especialmente na produção do conhecimento. E não se pode deixar de citar as inúmeras reflexões atualmente feitas sobre memória, identidade e os conceitos de lugar, paisagem e território por parte de geógrafos vinculados à perspectiva fenomenológica e às correntes cultural e humanista. Nesta pesquisa, a contribuição para esse cenário não se dá especificamente pelo viés geográfico, mas de um relato de casos evidenciados por alunos das redes públicas e privadas de educação de Cabo Frio.

Para Halbwachs (2003), a memória é, antes de tudo, coletiva, e com base nas questões histórico-geográficas de Cabo Frio, há que se pensar no contexto material e imaterial que reúne essa coletividade e sobre novos padrões estabelecidos que sobrepõem o espaço geográfico em questão. Assim como um forte processo de modernização das cidades, a tendência ao esquecimento que vem com a sobreposição dos espaços contribui para que essa memória não sobreviva na sociedade e na coletividade que se apresenta.

3.3 Cultura e localização geográfica dos alunos da Educação Básica de Cabo Frio

De acordo com o IBGE (2023), a cidade de Cabo Frio possui uma população estimada em 230 mil habitantes, sendo considerada uma cidade de médio porte. Atualmente, a cidade está dividida em dois distritos e limita-se com as cidades de Arraial do Cabo, Armação dos Búzios, Araruama, São Pedro da Aldeia e Casimiro de Abreu.

De acordo com o último Censo Escolar (2020), somente na cidade de Cabo Frio existem 159 escolas e 49.581 alunos matriculados, sendo apenas na rede pública municipal 31.500 alunos distribuídos em 90 escolas. Trata-se, portanto, de uma rede municipal ampla e que, por isso, apresenta demandas próprias relacionadas ao público ao qual se dedica (INEP, 2020).

Para Milton Santos (1996), paisagem é tudo o que a vista abarca, sendo também dotada de outros sentidos. Ela não é estática, possui cheiro, sabor, movimento. Modifica-se a todo momento, e com isso é compreensível que dentro dos padrões antropológicos haja a sobreposição cultural diante de todas as modificações que essa paisagem vai sofrendo ao longo do tempo.

A cidade de Cabo Frio passou por um longo processo de estabelecimento enquanto cidade e apresentou diferentes recursos para exploração, sendo alvo de franceses que travaram guerra com os índios Tamoios e com os portugueses, colonizadores do território brasileiro, que ao relaxar sua vigia sobre as terras cabofrienses, permitiram a invasão francesa (Cabo Frio, 2023).

Durante muitos anos, a exploração do sal, do pau-brasil, da pesca e outros recursos levou a cidade de Cabo Frio, desde a sua fundação em 1603, a sofrer mudanças no seu contexto histórico e cultural. A cidade passou pelo processo da escravidão da população negra trazida do continente africano, e isso inclusive culminou na fundação de um quilombo, que até os dias atuais representa uma forte comunidade tradicional na cidade (Cabo Frio, 2023).

Como canta nosso querido Lulu Santos: “Nada do que foi será, de novo do jeito que já foi um dia (...) Tudo que se vê não é, igual ao que a gente viu a um segundo (...)”, então, em consonância com o conceito básico de paisagem de Milton Santos (1996), as modificações percebidas nas paisagens atravessam décadas, séculos e modificam-se a todo momento.

O ser humano vai se adaptando ao meio em que vive e vai se moldando de acordo com as condições naturais, se utilizando dos recursos da natureza para conquistar sua liberdade, e tudo isso se reflete não só nas mudanças ocorridas ao longo do tempo, mas também em seu próprio processo cultural (Ratzel, 1882).

Diante dessa sobreposição cultural, os jovens estudantes cabofrienses se debruçaram num novo contexto, que sofreu modificações ao longo de um passado não muito distante e que permite confrontar diferentes situações exemplificadas dentro do seu próprio leito familiar, em que gerações anteriores saíram da cidade para viver nos grandes centros urbanos, por falta de oportunidades locais. Hoje, com a migração de retorno, que se caracteriza pela volta para a cidade natal após a busca da melhoria na qualidade de vida em outros lugares, se evidencia o crescimento de Cabo Frio, bem como a melhora no desenvolvimento da cidade, com investimentos de empresas privadas e a ampliação da rede de Ensino Superior (Cabo Frio, 2023).

Culturalmente, o cidadão cabofriense foi se moldando aos novos tempos, preso em um passado que mostrava a realidade de muitos. Principalmente quem não tem condições de sair da cidade para tentar uma vida melhor fica sujeito a repetir situações frustrantes vividas por seus antepassados, submetidos a subempregos oferecidos na cidade com baixos salários, o que reforça o conceito de cultura segundo Edward Tylor (1832-1917). Para ele: "A cultura é todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade".

3.4 O ensino da geografia e história de Cabo Frio no âmbito da Educação Básica

Em consonância com as diretrizes estabelecidas pelo Ministério da Educação, os Parâmetros Curriculares Nacionais fundamentam o ensino de história e geografia no âmbito da Educação Básica em todo o território nacional. Em Cabo Frio, as práticas pedagógicas nessas áreas estão alinhadas a esses parâmetros, contribuindo diretamente para o fortalecimento do sentimento de pertencimento do educando ao seu lugar de origem, para a construção da memória histórica e geográfica e para a formação da identidade local, especialmente diante da expressiva riqueza patrimonial material e imaterial do município (Brasil, 1998).

A proposta de história, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, para o Ensino Fundamental, foi concebida para proporcionar reflexões e debates sobre a importância dessa área curricular na formação dos estudantes e referências aos educadores na busca de práticas que estimulem e incentivem o desejo pelo conhecimento. O texto apresenta princípios, conceitos e orientações para atividades que possibilitem aos alunos a realização de leituras críticas dos espaços, das culturas e das histórias do seu cotidiano (Cabo Frio, 2023).

A geografia, na proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais, tem um tratamento específico como área, uma vez que oferece instrumentos essenciais para a compreensão e intervenção na realidade social. Por meio dela, podemos compreender como diferentes sociedades interagem com a natureza na construção de seu espaço, as singularidades do lugar em que vivemos, o que o diferencia e o aproxima de outros lugares, e, assim, adquirirmos uma consciência maior dos vínculos afetivos e de identidade que estabelecemos com ele. Também podemos conhecer as múltiplas relações de um lugar com outros lugares, distantes no tempo e no espaço, e perceber as marcas do passado no presente (Brasil, 1998).

De acordo com os artigos constantes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), podemos validar as diferentes práticas educacionais em sala de aula baseando-nos na vivência cotidiana do educando e em seus comportamentos diários. Há que se analisar as diferentes relações do ser humano com o meio em que vive e principalmente o que cada um traz de memória do seu local, fortalecendo a identidade.

A cidade de Cabo Frio sofreu ao longo dos anos um processo de gentrificação, ou seja, mudança das paisagens urbanas, usos e significados de zonas antigas e/ou populares que apresentam sinais de degradação física, passando a atrair moradores de rendas mais elevadas. Segundo Neil Smith (1954-2012), a chegada de pessoas de alta renda a certas zonas das cidades não é a causa da gentrificação dos bairros, mas a consequência do afluxo do capital para essas

regiões. E essas modificações ao longo do tempo nos elementos culturais intensifica o processo de modificação das cidades, além do envelhecimento de prédios antigos, contribuindo para a perda da identidade local.

A prática em sala de aula possibilita aos alunos um impacto ao comparar imagens de séculos anteriores e da atualidade, causando uma grande surpresa pelas mudanças ocorridas e o surgimento de questionamentos sobre o envelhecimento e a deterioração de prédios, bem como a substituição de outros. A valorização do passado, ou do que sobrou dele na paisagem ou "instituições de memória" (museus, arquivos, bibliotecas, etc.) (Nora, 1984), se dá hoje de forma generalizada no mundo, refletindo a emergência de uma nova relação identitária entre os homens e as mulheres do final do século XX e os conjuntos espaciais que lhes dão ancoragem no planeta, sejam elos estados-nações, as regiões ou os lugares.

De acordo com o MEC (Brasil, 1998), a geografia tem como pressuposto a ideia de que, para compreender o mundo em que se vive, é preciso aprender sobre as distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta e formar o conceito de identidade. Assim, a geografia propõe o desenvolvimento de habilidades e competências importantes para o pensamento espacial e o raciocínio geográfico, que permitem ao aluno resolver problemas, dominar o conhecimento factual e exercitar a cidadania.

A BNCC (Brasil, 2018) começou a ser discutida em 2015 e foi debatida ao longo de diversos governos e gestões, recebendo milhares de contribuições em consultas e audiências públicas. A sociedade participou com mais de 12 milhões de contribuições na 1ª versão, sendo que metade delas veio de 45 mil escolas. Em 2016, a 2ª versão viajou por todos os estados. Através de seminários estaduais, organizados pela Consed e Undime, cerca de 9 mil pessoas, entre educadores e alunos, debateram o documento em detalhes. Em abril de 2017, a 3ª versão foi entregue ao Conselho Nacional de Educação (CNE), que ouviu a opinião do Brasil em uma nova rodada de seminários regionais. Por fim, em dezembro de 2017, a BNCC foi homologada pelo MEC e passou a valer em todo o Brasil.

Diante do exposto, questiona-se: como promover uma identidade local, diante de mudanças promovidas com o tempo ou com a deterioração do patrimônio material e imaterial ou a gentrificação que “expulsa” o habitante local, substituindo-o por um grupo de poder aquisitivo maior e sem vínculo histórico com o processo evolutivo local?

4 CAMPO: RELATO PESSOAL (E ANÁLISE DOS DADOS)

Desde os meus primeiros dias em Cabo Frio, fui envolvido pela aura de história e geografia que permeia essa cidade. Ao me debruçar sobre os antigos relatos dos conflitos coloniais que moldaram suas ruas, ao sentir a brisa do mar que carrega consigo séculos de atividade portuária, compreendi que essa cidade é mais do que um simples aglomerado de construções. Cabo Frio é uma narrativa viva, uma tapeçaria de memórias entrelaçadas que moldaram a identidade de seu povo ao longo do tempo.

"Os objetos que nos rodeiam não são inertes, mas têm uma dimensão de significado que nos ultrapassa, pois são carregados com as histórias, as experiências e as práticas sociais dos que os utilizam e dos que os contemplam" (Berger, 2007, n. p.). Essa citação reflete a ideia de que os lugares, como Cabo Frio, são mais do que simples espaços físicos, mas são carregados de significados culturais e históricos que moldam a identidade das pessoas que habitam ou visitam esses locais.

Fui envolvido por uma atmosfera única, impregnada de história, geografia e cultura. A brisa salgada do mar sussurrava segredos de séculos passados, enquanto os monumentos e construções antigas contavam histórias de batalhas e conquistas que moldaram o destino dessa cidade ao longo do tempo. É nesse cenário de riqueza histórica e identidade cultural que minha jornada pessoal de descoberta e transformação teve início.

"O mundo cotidiano que nos rodeia é um mundo construído. É um mundo construído pelos homens, mas, ao mesmo tempo, é também um mundo construído para os homens: um mundo humano. A realidade social é uma entidade objetiva" (Berger, 2007, n. p.). Para o autor, o ambiente em que vivemos, incluindo lugares como a cidade descrita, é construído pelos seres humanos e carrega consigo uma carga significativa de história, cultura e identidade.

Como pesquisador e educador, embarquei em uma jornada pessoal para explorar as profundezas dessa identidade local. Através do meu trabalho, busquei desvendar os desafios e as oportunidades que se apresentam na promoção da história, memória e identidade de Cabo Frio no contexto da Educação Básica.

"O desafio do pesquisador é o de desentranhar e expor a densidade de significados, tramas e relações sociais presentes em cada contexto particular, possibilitando uma compreensão mais profunda e crítica da realidade" (Canclini, 2008, n. p.). Essa citação de Canclini ressalta a importância do trabalho do pesquisador e educador em desvendar os diversos aspectos da identidade local, como história, memória e identidade, e em promover uma compreensão mais profunda e crítica desses elementos no contexto da Educação Básica.

A cada página virada e cada conversa compartilhada com os habitantes locais, descobri novas camadas de significado e importância para esta pesquisa.

"Em cada interação, em cada diálogo com os sujeitos locais, desvendamos novas perspectivas, enriquecemos nosso olhar e ampliamos nosso entendimento sobre a complexidade da realidade que investigamos" (Canclini, 2008, n. p.). Canclini destaca como as interações com os habitantes locais enriquecem a pesquisa, permitindo uma compreensão mais profunda e ampla da complexidade da identidade e da cultura do lugar estudado.

Percebi, no entanto, que esta jornada não foi apenas acadêmica. Foi uma jornada de descoberta pessoal, na qual me vi mergulhando nas profundezas da cultura e tradição dessa cidade. Cada bate-papo e conversa realizada e cada momento de reflexão sobre os desafios enfrentados pelos educadores locais me aproximaram mais da essência de Cabo Frio e de seu povo.

> O estudo da cultura não é apenas uma investigação acadêmica, mas também uma jornada pessoal de autodescoberta, onde nos envolvemos emocionalmente com as tradições, valores e desafios da comunidade estudada. É através dessa imersão que podemos compreender verdadeiramente a essência e a alma de um povo (Canclini, 2008, n. p.).

Aqui, Canclini (2008) ressalta como o estudo da cultura vai além do acadêmico, sendo também uma jornada pessoal de descoberta e compreensão emocional da comunidade estudada, como ocorreu durante esta pesquisa em Cabo Frio.

No Quadro 2, a seguir, apresenta-se uma síntese dos principais tópicos e achados da pesquisa, sob as perspectivas acadêmica e pessoal.

Quadro 2 – Tópicos e achados da pesquisa em Cabo Frio

Tópicos	Achados
Integração da pesquisa acadêmica com a experiência pessoal	Reconheci que minha jornada em Cabo Frio ultrapassou os limites acadêmicos, tornando-se uma jornada de autodescoberta e imersão na cultura local. Percebi que a pesquisa não era apenas um exercício intelectual, mas uma experiência enriquecedora e transformadora para mim.
Aprofundamento na cultura e tradição local	Cada conversa e momento de reflexão me aproximaram mais da essência de Cabo Frio e de seu povo. A imersão na cultura e tradição locais possibilitou uma compreensão mais rica e significativa dos valores, desafios e identidade da cidade.
Empatia com os educadores locais	Ao refletir sobre os desafios enfrentados pelos educadores locais, desenvolvi uma empatia profunda pela comunidade estudada. Essa sensibilidade foi além dos aspectos puramente acadêmicos, demonstrando

	um envolvimento genuíno com as questões enfrentadas pela população local.
A descoberta da alma da cidade	No final, percebi que minha jornada me aproximou da "essência de Cabo Frio e de seu povo", ressaltando a importância de compreender não apenas os aspectos superficiais, mas também a alma e a identidade mais profunda da comunidade estudada.

Fonte: Autoral (2024).

Ao refletir sobre os elementos destacados, percebe-se que a pesquisa desenvolvida em Cabo Frio ultrapassou os limites do rigor acadêmico e se transformou em uma experiência pessoal profundamente enriquecedora. A integração entre a investigação científica e a vivência direta na cidade possibilitou uma compreensão mais ampla da realidade local, permitindo que a jornada se tornasse não apenas um exercício intelectual, mas também um processo de autodescoberta e envolvimento cultural.

A aproximação com a cultura e tradição locais, por meio de conversas, observações e reflexões, revelou aspectos essenciais da identidade de Cabo Frio e de seu povo, ampliando a percepção sobre os valores, desafios e singularidades da comunidade. Essa imersão contribuiu para uma visão mais complexa e significativa do território estudado, ultrapassando a mera análise documental ou teórica.

Além disso, a vivência junto aos educadores locais proporcionou o desenvolvimento de empatia e sensibilidade em relação às questões enfrentadas pela comunidade escolar. Esse contato direto com a prática educativa reforçou a importância de compreender o contexto vivido pelos sujeitos, demonstrando que a pesquisa não se limita a dados ou estatísticas, mas também envolve a dimensão humana das experiências estudadas.

Por fim, a jornada permitiu a descoberta da “alma” da cidade, aproximando o pesquisador da essência e da identidade mais profunda de Cabo Frio. Essa percepção reforça a importância de valorizar tanto os elementos tangíveis quanto os intangíveis da cultura local, destacando que a construção de conhecimento sobre uma comunidade envolve necessariamente a compreensão de seus aspectos simbólicos, afetivos e identitários.

Na reflexão sobre os objetivos da pesquisa, compreendi que seu propósito ia além da mera produção de conhecimento acadêmico. Percebi que meu desejo era catalisar mudanças significativas na forma como a história e a geografia locais eram abordadas na educação. Busquei contribuir para a construção de um currículo mais inclusivo e engajador, que permitisse aos alunos de Cabo Frio reconhecerem e valorizarem sua própria história. Entendi que o impacto desejado não se limitava aos resultados da pesquisa, mas se estendia à transformação

do ambiente educacional e à promoção do empoderamento dos estudantes por meio do reconhecimento de sua identidade cultural.

Nesta jornada, enfrentei desafios éticos e metodológicos, mas também encontrei inspiração e motivação na riqueza cultural e histórica de Cabo Frio. Cada obstáculo superado e cada nova descoberta me impulsionaram a seguir em frente, em busca de um entendimento mais profundo da identidade dessa cidade e de como poderíamos fortalecê-la através da educação.

Essa experiência me lembra muito as ideias de Paulo Freire, um educador que sempre defendeu uma abordagem crítica e reflexiva na educação. Ao enfrentar os desafios éticos e metodológicos, me vi refletindo sobre a importância da prática reflexiva, um conceito que Freire (1967) valorizava muito. Ele sempre destacou a necessidade de os educadores estarem constantemente engajados em examinar e questionar suas práticas, buscando sempre aprimoramento e respeito pelos valores éticos.

Além disso, ao buscar compreender mais profundamente a identidade local e como fortalecê-la por meio da educação, senti-me alinhado com a visão de Freire (1967) sobre a educação como uma prática de liberdade. Ele defendia que a educação não deveria ser apenas um processo de transmissão de conhecimentos, mas sim uma prática libertadora que capacita os indivíduos a compreenderem criticamente o mundo ao seu redor e a transformá-lo de acordo com seus interesses e necessidades.

Ao enfrentar esses desafios e buscar um entendimento mais profundo da identidade local, senti-me seguindo uma abordagem freiriana de educação como um processo dialógico e emancipatório. Freire (1967) enfatizava a importância do diálogo horizontal entre educadores e educandos, no qual ambos são agentes ativos no processo de construção do conhecimento e na transformação da realidade.

Assim, minha jornada em Cabo Frio não apenas refletiu os princípios pedagógicos de Freire (1967), mas também demonstrou como sua abordagem pode ser aplicada no contexto da sala de aula, na pesquisa acadêmica e na promoção do desenvolvimento comunitário. O enfrentamento dos desafios, a busca pela compreensão profunda da identidade local e o compromisso com a educação como prática de libertação foram aspectos centrais tanto na obra de Freire quanto na minha experiência em Cabo Frio.

Ao embarcar nesta jornada, eu o fiz com humildade e determinação, consciente do poder transformador que a pesquisa e a educação podem ter na construção de uma identidade forte e resiliente para as futuras gerações de Cabo Frio. Compreendi que esta não seria uma jornada fácil, mas estava motivado pela convicção de que cada esforço valeria a pena no processo de fortalecimento da comunidade local.

Durante este percurso, encontrei desafios e oportunidades que testaram minha resiliência e minha capacidade de adaptação. Cada obstáculo superado foi uma lição aprendida, e cada nova oportunidade representava uma chance de crescimento e aprimoramento. Esta jornada me proporcionou uma compreensão mais profunda da dinâmica social, cultural e educacional de Cabo Frio, enriquecendo não apenas o meu trabalho, mas também a minha própria experiência como indivíduo e como cidadão dessa cidade tão especial.

Ao final desta jornada, percebi que o verdadeiro valor da pesquisa e da educação vai além dos resultados tangíveis que podemos alcançar. É sobre o impacto que podemos ter nas vidas das pessoas, sobre a capacidade de fortalecer identidades, ampliar horizontes e inspirar mudanças positivas na sociedade. Foi com essa convicção que embarquei nesta jornada, e é com essa mesma convicção que espero continuar contribuindo para o desenvolvimento e o bem-estar da comunidade de Cabo Frio e de todas as comunidades que buscam construir um futuro melhor através da educação e do conhecimento.

Durante o período de aulas, enfrentei uma série de desafios significativos que demandavam criatividade, flexibilidade e paciência para serem superados. Um dos principais desafios era manter a atenção e o engajamento dos alunos em um ambiente cada vez mais permeado por estímulos digitais e distrações.

> O ato de ensinar não pode dar-se fora do ato de aprender. Ensinar implica em reconhecer que o ensino é uma forma de intervenção no mundo do educando, no sentido de fazer com que ele reconheça que o mundo é transformável e que a transformação é possível. O educador, como qualquer um dos sujeitos, aprende muito mais do que ensina, no sentido de que aprende para poder ensinar. A aprendizagem é uma condição ontológica do ser humano, não é uma qualidade que ele possa ou não adquirir, por isso que é um direito (Freire, 1967, n. p.).

Essa citação de Paulo Freire destaca a importância da interação e do engajamento ativo dos alunos no processo de aprendizagem. Freire (1967) enfatiza que o ato de ensinar está intrinsecamente ligado ao ato de aprender, e que os educadores também estão em constante aprendizado. Portanto, diante dos desafios mencionados em manter a atenção e o engajamento dos alunos, é essencial buscar estratégias que incentivem a participação ativa dos estudantes, tornando-os protagonistas do seu próprio processo de aprendizagem.

A constante competição com dispositivos eletrônicos, redes sociais e outras formas de entretenimento demandou estratégias inovadoras para captar e manter a atenção dos alunos durante as aulas. Além disso, a diversidade de perfis dos alunos também representou um desafio, pois exigiu uma abordagem diferenciada e personalizada para garantir que todos se sentissem incluídos e valorizados em sala de aula.

> A globalização não é uma fatalidade. É um processo, e, como tal, pode ser orientado e controlado por um projeto político. [...] Precisamos de uma nova forma de pensar o mundo e de um novo discurso para expressá-la, o que significa a necessidade de uma nova geografia. Uma geografia que não seja mais a de um tempo que já passou, que não seja mais a de um espaço já ultrapassado. Precisamos construir uma geografia nova. Esta é a chave para as transformações necessárias (Santos, 2006, n. p.).

Milton Santos (2006) ressalta a importância de repensar e reorientar os processos globais, afirmando que a globalização não é uma inevitabilidade, mas sim um processo moldável por meio de escolhas políticas e sociais. Da mesma forma, diante dos desafios mencionados em manter a atenção dos alunos e abordar a diversidade de perfis em sala de aula, é necessário adotar uma abordagem inovadora e personalizada, que reconheça as complexidades do contexto atual e busque formas de promover a inclusão e a valorização de todos os estudantes. Assim como Santos (2006) propõe uma nova forma de pensar o mundo, os educadores precisam buscar novas estratégias e discursos que permitam enfrentar os desafios da educação no século XXI e construir uma geografia educacional mais inclusiva e engajadora.

Foram vários os desafios que enfrentei como educador, e posso relacioná-los com as ideias de Milton Santos (2006) sobre a complexidade do espaço geográfico e sua influência na educação contemporânea.

Primeiramente, lidar com a diversidade de habilidades e necessidades dos alunos foi um grande desafio. Cada estudante trazia consigo uma bagagem única, demandando uma atenção individualizada da minha parte. Eu reconhecia que o espaço da sala de aula não era homogêneo, assim como o espaço geográfico que Santos (2006) discute. Cada aluno representava uma faceta diferente desse espaço social e humano, o que exigia uma abordagem pedagógica sensível e inclusiva.

Além disso, a gestão do tempo era um desafio constante. Eu precisava equilibrar a cobertura do conteúdo programático com atividades práticas e reflexivas, tudo isso dentro dos limites dos três tempos de 50 minutos semanais. Essa limitação de tempo reflete as estruturas institucionais do sistema educacional, as quais muitas vezes reforçam desigualdades e dificultam a implementação de uma educação mais inclusiva e engajadora. Assim como Santos (2006) discute as relações de poder e dominação que moldam o espaço geográfico, eu percebi como as políticas e práticas institucionais também influenciam o ambiente escolar.

No fim das contas, esses desafios não eram apenas questões práticas do meu trabalho como educador, mas também reflexos das complexidades do espaço social e humano em que estávamos inseridos. Eu buscava, dentro das minhas possibilidades, adotar uma abordagem

pedagógica que reconhecesse e valorizasse a diversidade dos alunos, ao mesmo tempo que buscava superar as limitações estruturais do sistema educacional. Assim como Milton Santos (2006) propõe uma nova forma de pensar o espaço geográfico, eu também buscava novas estratégias e práticas que permitissem enfrentar os desafios da educação contemporânea e construir um ambiente escolar mais inclusivo e participativo.

Muitas vezes me vi diante da difícil decisão entre aprofundar determinado tema ou introduzir novos conceitos, considerando sempre as limitações de tempo impostas pelo cronograma escolar. Além disso, a necessidade de conciliar as demandas curriculares com as necessidades individuais dos alunos também representava um desafio adicional, especialmente em turmas com grande heterogeneidade de habilidades e interesses.

Refletir sobre essas questões me remete às ideias de Milton Santos (2006) sobre as dinâmicas complexas do espaço geográfico e sua influência na educação. Ao tomar essas decisões na sala de aula, me via considerando não apenas o conteúdo a ser ensinado, mas também as múltiplas relações e dinâmicas que moldam o ambiente educacional. Assim como Santos (2006) argumenta que o espaço não é apenas físico, mas também social e humano, eu entendia que o tempo na sala de aula não era apenas uma medida linear, mas uma dimensão complexa que influenciava minhas práticas pedagógicas.

Portanto, as decisões pedagógicas que enfrentei como educador refletiam não apenas os desafios práticos do ambiente escolar, mas também as complexidades do espaço e do tempo na sala de aula, assim como as tensões entre o global e o local. Ao enfrentar esses desafios, busquei adotar uma abordagem que promovesse uma educação mais inclusiva e engajadora, reconhecendo a importância de adaptar o ensino às necessidades individuais e coletivas dos meus alunos.

Outro desafio significativo que enfrentei como educador foi lidar com eventuais conflitos e problemas de comportamento que surgiam entre os alunos, criando um ambiente propício para a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal de todos os envolvidos. Desde simples desentendimentos até situações mais complexas de *bullying* ou exclusão, era essencial estabelecer normas claras de convivência e promover uma cultura de respeito mútuo e colaboração dentro da sala de aula. Isso exigia não apenas habilidades de mediação e resolução de conflitos por minha parte, mas também o envolvimento ativo dos próprios alunos na construção de um ambiente saudável e acolhedor.

Ao refletir sobre esses desafios, pude relacioná-los com as ideias de Michel Maffesoli (2000) sobre a noção de "tribo" e as dinâmicas sociais emergentes na contemporaneidade. Maffesoli (2000) argumenta que, na sociedade pós-moderna, as relações sociais são cada vez

mais fragmentadas e fluidas, e os indivíduos buscam formas de identidade e pertencimento em grupos menores e mais próximos, como as tribos. Dentro desse contexto, a sala de aula pode ser vista como um microcosmo dessas dinâmicas tribais, onde os alunos constroem laços sociais e culturais que influenciam suas interações e comportamentos.

Assim, ao lidar com conflitos e problemas de comportamento entre os alunos, era importante reconhecer as dinâmicas tribais presentes na sala de aula e buscar estratégias que promovessem o senso de comunidade e pertencimento. Isso envolvia não apenas a imposição de normas e regras, mas também a promoção de valores como o respeito mútuo, a colaboração e a solidariedade. Ao incentivar o envolvimento ativo dos alunos na construção de um ambiente saudável e acolhedor, eu estava, de certa forma, facilitando a formação e consolidação de suas próprias tribos dentro do contexto escolar.

Os desafios relacionados aos conflitos e problemas de comportamento na sala de aula podem ser compreendidos à luz das ideias de Maffesoli (2003) sobre as dinâmicas sociais emergentes na contemporaneidade. Ao reconhecer e promover as dinâmicas tribais presentes no ambiente escolar, pude contribuir para a construção de um ambiente mais inclusivo, colaborativo e propício ao aprendizado e desenvolvimento pessoal dos alunos.

É importante destacar o desafio constante que enfrentei em manter-me atualizado em relação às novas tendências e metodologias educacionais, assim como às mudanças curriculares e legislativas que impactam o trabalho em sala de aula. O constante processo de formação continuada se mostrava necessário para garantir uma prática pedagógica eficaz e alinhada às demandas e expectativas da sociedade contemporânea.

Essa necessidade de atualização constante pode ser relacionada às ideias de Michel Maffesoli (2003) sobre a fluidez e a efemeridade das formas sociais na contemporaneidade. Maffesoli (2003) argumenta que as estruturas sociais estão em constante transformação, e os indivíduos precisam adaptar-se rapidamente a essas mudanças para manter sua relevância e integração na sociedade. Da mesma forma, na educação, as novas tendências e metodologias surgem constantemente em resposta às mudanças no mundo ao nosso redor, exigindo dos educadores uma postura flexível e receptiva à inovação.

Além disso, a importância da formação continuada também está relacionada à concepção de Paulo Freire sobre a educação como prática de liberdade. Freire (1967) enfatiza a importância da reflexão crítica e do diálogo constante na prática educativa, e a formação continuada oferece oportunidades para os educadores aprofundarem sua compreensão teórica e prática, além de se atualizarem sobre as questões sociais e políticas que afetam a educação.

O desafio de manter-se atualizado em relação às novas tendências e metodologias educacionais reflete não apenas as demandas práticas do ambiente escolar, mas também as dinâmicas sociais e culturais da contemporaneidade. Ao investir na formação continuada, os educadores podem garantir uma prática pedagógica mais eficaz e relevante, capaz de preparar os alunos para os desafios e oportunidades do mundo em constante mudança.

Apesar dos desafios enfrentados, também vivenciei inúmeras boas surpresas ao longo do período de aulas, momentos que me enchiam de gratidão e me recordavam do impacto positivo que a educação pode ter na vida dos alunos. Uma das maiores surpresas era a capacidade dos alunos de se envolverem profundamente com os temas abordados em sala de aula, demonstrando um interesse genuíno em aprender e compreender o mundo ao seu redor.

Essa capacidade dos alunos de se envolverem de forma tão profunda com os conteúdos educacionais pode ser relacionada às ideias de Paulo Freire sobre a importância da educação como prática de libertação. Freire (1967) enfatiza a necessidade de os educadores engajarem os alunos de forma crítica e reflexiva, incentivando-os a questionar e compreender o mundo a partir de suas próprias experiências e realidades. Quando os alunos demonstram um interesse genuíno em aprender, isso sugere que estão se apropriando ativamente do processo educativo, buscando desenvolver-se não apenas academicamente, mas também como cidadãos críticos e engajados.

Essa capacidade dos alunos de se envolverem profundamente com os temas abordados em sala de aula também pode ser vista como uma manifestação das dinâmicas tribais discutidas por Michel Maffesoli (2003), que argumenta que, na sociedade contemporânea, as relações sociais são cada vez mais marcadas pela proximidade e pela afetividade, e os alunos podem encontrar nas interações educacionais um espaço de pertencimento e identificação.

Quando os alunos se envolvem de forma tão profunda com os temas abordados em sala de aula, isso sugere que estão construindo laços sociais e culturais significativos dentro do ambiente escolar, o que pode contribuir para uma experiência educacional mais rica e gratificante.

As boas surpresas vivenciadas ao longo do período de aulas destacaram não apenas a capacidade dos alunos de se envolverem profundamente com os conteúdos educacionais, mas também o potencial transformador da educação na vida dos indivíduos. Ao testemunhar o interesse genuíno dos alunos em aprender e compreender o mundo ao seu redor, eu me sentia renovado em meu compromisso com a prática educativa, reconhecendo o impacto positivo que ela pode ter na formação de cidadãos críticos, conscientes e engajados.

Ao apresentar conteúdos relevantes e estimulantes, frequentemente me deparava com alunos ávidos por conhecimento, fazendo perguntas instigantes e contribuindo ativamente para as discussões em sala de aula.

Esse comportamento dos alunos pode ser interpretado à luz das ideias de Paulo Freire sobre a educação como prática de liberdade. Freire (1967) enfatiza a importância de os educadores engajarem os alunos de forma crítica e reflexiva, incentivando-os a questionar e participar ativamente do processo de aprendizagem. Quando os alunos demonstram curiosidade e iniciativa em buscar conhecimento, isso sugere que estão se apropriando ativamente do processo educativo, buscando compreender o mundo a partir de suas próprias experiências e realidades.

Esse comportamento dos alunos também pode ser relacionado às dinâmicas tribais discutidas por Michel Maffesoli (2003). O autor argumenta que, na sociedade contemporânea, as relações sociais são cada vez mais marcadas pela proximidade e pela afetividade, e os alunos podem encontrar nas interações educacionais um espaço de pertencimento e identificação.

Quando os alunos participam ativamente das discussões em sala de aula, isso sugere que estão construindo laços sociais e culturais significativos dentro do ambiente escolar, o que pode contribuir para uma experiência educacional mais rica e gratificante.

O comportamento dos alunos ao fazer perguntas instigantes e contribuir ativamente para as discussões em sala de aula destaca não apenas a sua curiosidade e iniciativa em buscar conhecimento, mas também o potencial transformador da educação na formação de cidadãos críticos, conscientes e engajados. Ao testemunhar o interesse genuíno dos alunos em participar ativamente do processo de aprendizagem, eu me sentia renovado em meu compromisso com a prática educativa, reconhecendo o impacto positivo que ela pode ter na formação de indivíduos comprometidos com o conhecimento e o pensamento crítico.

A criatividade e o entusiasmo dos alunos ao participarem de atividades práticas e interativas sempre foram motivo de grande alegria e satisfação para mim e todos os educadores envolvidos. Ao longo da minha jornada como professor, testemunhei inúmeras vezes a capacidade incrível dos alunos de expressarem suas ideias e habilidades de maneiras variadas e criativas. Seja através de projetos de pesquisa, experimentos científicos ou apresentações artísticas, eles demonstravam um engajamento genuíno e uma disposição para explorar novas formas de aprender e se expressar.

Essa vivência me remete às ideias de Paulo Freire sobre a educação como prática de liberdade. Freire (1967) defendia uma abordagem pedagógica centrada na criatividade e na participação ativa dos alunos, incentivando-os a serem protagonistas de seu próprio processo

de aprendizagem. Quando os alunos se engajavam de forma tão criativa e entusiasta nas atividades práticas e interativas, isso demonstrava que estavam se apropriando ativamente do conhecimento, construindo significados e desenvolvendo habilidades essenciais para a sua formação como cidadãos críticos e conscientes.

Além disso, essa experiência também está relacionada às dinâmicas tribais discutidas por Michel Maffesoli (2000). O autor argumenta que, na sociedade contemporânea, as relações sociais são cada vez mais marcadas pela proximidade e pela afetividade, e os alunos podem encontrar nas interações educacionais um espaço de pertencimento e identificação. Quando os alunos se envolvem de forma tão criativa e entusiasta nas atividades práticas e interativas, isso sugere que estão construindo laços sociais e culturais significativos dentro do ambiente escolar, o que pode contribuir para uma experiência educacional mais rica e gratificante.

A criatividade e o entusiasmo dos alunos ao participarem de atividades práticas e interativas destacam não apenas a sua capacidade de expressar ideias e habilidades de maneiras variadas e criativas, mas também o potencial transformador da educação na formação de indivíduos criativos, engajados e preparados para os desafios do mundo contemporâneo. Ao testemunhar o talento e a originalidade dos trabalhos produzidos pelos alunos, eu me sentia renovado em meu compromisso com a prática educativa, reconhecendo o poder da educação em inspirar e transformar vidas.

Outra boa surpresa que vivenciei como educador foi a profundidade das discussões e reflexões que surgiam em sala de aula, revelando perspectivas surpreendentes dos alunos sobre os mais diversos temas. Ao testemunhar essas trocas de ideias e *insights* entre os estudantes, eu me sentia constantemente inspirado e encorajado pelo potencial intelectual e crítico daqueles que estavam sob minha orientação.

Essa experiência me faz refletir sobre as ideias de Boaventura de Sousa Santos sobre a sociologia das ausências e das emergências. Santos (2007) argumenta que a produção de conhecimento dominante muitas vezes negligencia perspectivas e saberes alternativos, marginalizando grupos e vozes que não se encaixam nos padrões hegemônicos.

No entanto, ele também destaca a importância de reconhecer e valorizar essas "emergências" – as vozes e experiências que desafiam as narrativas dominantes e oferecem novas formas de compreender o mundo.

Quando os alunos compartilhavam suas perspectivas surpreendentes e *insights* inovadores em sala de aula, isso me lembrava da importância de abrir espaço para uma diversidade de vozes e experiências no ambiente educacional. Cada contribuição dos alunos representava uma oportunidade de expandir meu próprio horizonte de compreensão e aprender

com suas experiências únicas. Em vez de ver as diferenças como obstáculos, eu as encarava como fontes de enriquecimento e aprendizado mútuo.

A profundidade das discussões e reflexões em sala de aula também pode ser relacionada à concepção de educação como prática de liberdade de Paulo Freire. Freire (1967) enfatiza a importância de promover um diálogo horizontal e participativo na sala de aula, onde tanto os alunos quanto os educadores são sujeitos ativos no processo de construção do conhecimento.

Quando os alunos demonstravam uma capacidade tão profunda de engajamento e reflexão, isso indicava que estavam se apropriando ativamente do processo educativo, desenvolvendo habilidades críticas essenciais para sua participação cidadã na sociedade.

A profundidade das discussões e reflexões em sala de aula destacou não apenas o potencial intelectual e crítico dos alunos, mas também a importância de reconhecer e valorizar uma diversidade de perspectivas e saberes no ambiente educacional. Ao testemunhar a emergência de novas formas de compreender o mundo por meio das contribuições dos alunos, eu me sentia renovado em meu compromisso com uma educação mais inclusiva, participativa e transformadora.

Ao promover um ambiente de diálogo aberto e respeitoso, eu estimulava o pensamento crítico e a expressão livre de ideias, proporcionando aos alunos a oportunidade de desenvolver habilidades essenciais para a vida em sociedade.

Essa prática pedagógica pode ser analisada à luz das ideias de Boaventura de Sousa Santos sobre a epistemologia do sul. Santos (2010) argumenta que o conhecimento não é algo estático e unidimensional, mas sim plural e diverso, refletindo as diferentes realidades e experiências dos sujeitos sociais. Promover um ambiente de diálogo aberto e respeitoso na sala de aula permite que múltiplas vozes sejam ouvidas e valorizadas, enriquecendo o processo de aprendizagem com uma variedade de perspectivas e saberes.

Ela também está alinhada com a concepção de educação como prática de liberdade de Paulo Freire. Freire (1967) enfatiza a importância de criar espaços de diálogo horizontal e participativo na sala de aula, onde tanto os alunos quanto os educadores são sujeitos ativos no processo de construção do conhecimento. Ao estimular o pensamento crítico e a expressão livre de ideias, eu estava capacitando os alunos a questionarem e refletir sobre o mundo ao seu redor, desenvolvendo habilidades essenciais para sua participação cidadã na sociedade.

Essa prática também pode ser relacionada à noção de educação como prática de transformação social de Paulo Freire. Ao promover um ambiente de diálogo aberto e respeitoso, eu estava não apenas transmitindo conhecimentos acadêmicos, mas também capacitando os alunos a se tornarem agentes ativos de mudança em suas comunidades. Ao aprenderem a

respeitar e valorizar as diferentes perspectivas dos colegas, os alunos estavam desenvolvendo habilidades interpessoais essenciais para o trabalho colaborativo e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ao promover um ambiente de diálogo aberto e respeitoso na sala de aula, eu estava proporcionando aos alunos não apenas a oportunidade de desenvolver habilidades essenciais para a vida em sociedade, mas também capacitando-os a se tornarem agentes de mudança em um mundo em constante transformação. Essa prática refletia meu compromisso com uma educação mais inclusiva, participativa e transformadora, capaz de preparar os alunos não apenas para o sucesso acadêmico, mas também para uma participação ativa e consciente na construção de um futuro melhor para todos.

As relações de amizade e solidariedade que se formaram entre os alunos ao longo do ano letivo foram uma das maiores e mais gratificantes surpresas que testemunhei. Ao proporcionar um ambiente de cooperação e apoio mútuo, os alunos não apenas absorviam os conteúdos curriculares, mas também aprendiam importantes lições sobre empatia, respeito e compaixão.

Essa experiência me levou a refletir sobre a importância das relações interpessoais no processo educativo. Ao promover atividades que incentivavam o trabalho em equipe e a colaboração, eu estava criando oportunidades para que os alunos desenvolvessem habilidades sociais essenciais para a convivência em sociedade. Mais do que apenas transmitir conhecimentos, eu estava ajudando a moldar indivíduos empáticos e solidários, capazes de contribuir positivamente para o bem-estar coletivo.

Essas relações de amizade e solidariedade também podem ser vistas como manifestações das dinâmicas tribais discutidas por Michel Maffesoli (2000). O autor argumenta que, na sociedade contemporânea, as relações sociais são cada vez mais marcadas pela proximidade e pela afetividade, e os alunos podem encontrar nas interações educacionais um espaço de pertencimento e identificação. Ao formarem laços de amizade e solidariedade, os alunos estavam construindo uma comunidade escolar mais coesa e acolhedora, onde se sentiam valorizados e apoiados em seu processo de aprendizagem.

As relações de amizade e solidariedade entre os alunos destacaram não apenas a importância das habilidades sociais no processo educativo, mas também o potencial transformador das relações interpessoais na formação de cidadãos mais empáticos e compassivos. Ao testemunhar o apoio mútuo e a colaboração entre os alunos, eu me sentia renovado em meu compromisso com uma educação que vai além do desenvolvimento

acadêmico, buscando também promover valores fundamentais para uma convivência harmoniosa e uma sociedade mais justa e igualitária.

Era verdadeiramente inspirador testemunhar o crescimento pessoal e educacional dos alunos ao longo do tempo, sabendo que estávamos contribuindo de alguma forma para o seu desenvolvimento integral como indivíduos e cidadãos.

Ao longo do ano letivo, pude acompanhar de perto o progresso de cada aluno, observando não apenas seu desempenho acadêmico, mas também seu amadurecimento emocional, social e cognitivo. Cada pequena conquista, cada momento de *insight* e cada demonstração de empatia e resiliência me enchiam de orgulho e renovavam minha convicção no poder transformador da educação.

Essa experiência me fez refletir sobre o papel fundamental dos educadores na vida dos alunos. Mais do que meros transmissores de conhecimento, nós somos guias e facilitadores do processo de aprendizagem, ajudando os alunos a descobrirem seus potenciais, a superarem desafios e a se tornarem agentes ativos de mudança em suas próprias vidas e na sociedade.

Essa visão do papel do educador está alinhada com as ideias de Paulo Freire sobre a educação como prática de liberdade. Freire (1967) defendia uma abordagem pedagógica centrada no diálogo e na participação ativa dos alunos, onde o educador atua como um mediador do processo de construção do conhecimento. Ao testemunhar o crescimento pessoal e educacional dos alunos, eu me sentia parte de um movimento maior de transformação social, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária.

Ao testemunhar o crescimento pessoal e educacional dos alunos ao longo do tempo, eu me sentia privilegiado por fazer parte de suas jornadas de aprendizagem e crescimento. Cada momento compartilhado, cada desafio superado e cada conquista alcançada reforçavam meu compromisso com uma educação que valoriza o desenvolvimento integral dos indivíduos e o seu potencial para fazer a diferença no mundo.

Para trabalhar identidade, pertencimento, história e memória com os alunos em sala de aula, adotei uma abordagem integrada e multidisciplinar, que envolvia uma série de estratégias e recursos pedagógicos. Reconheci a importância de promover uma educação que valorizasse a diversidade cultural e étnica dos alunos, bem como sua identidade pessoal e coletiva, contribuindo para o fortalecimento do seu senso de pertencimento à comunidade escolar e à sociedade em geral.

Essa decisão foi fundamentada em minha crença na educação como um processo holístico, capaz de não apenas transmitir conhecimento, mas também de promover o desenvolvimento integral dos alunos como seres humanos. Ao adotar uma abordagem integrada

e multidisciplinar, eu buscava criar um ambiente de aprendizagem rico e estimulante, onde os alunos pudessem explorar e compreender as complexas interações entre sua própria identidade, história pessoal e contexto social.

Essa abordagem também refletia minha convicção na importância da diversidade como um valor central na educação. Reconheci que cada aluno trazia consigo uma bagagem única de experiências, conhecimentos e perspectivas, e que era essencial valorizar e respeitar essa diversidade em sala de aula. Ao incorporar diferentes perspectivas e abordagens no processo de ensino e aprendizagem, eu estava não apenas enriquecendo a experiência educacional dos alunos, mas também preparando-os para viver e trabalhar em uma sociedade cada vez mais diversificada e globalizada.

Além disso, essa abordagem também estava alinhada com minha visão da educação como uma ferramenta para a promoção da justiça social e da igualdade de oportunidades. Reconheci que muitos dos meus alunos vinham de comunidades marginalizadas e historicamente excluídas, e que era meu dever como educador ajudá-los a reconhecer e valorizar sua própria identidade e história, bem como a lutar por uma sociedade mais inclusiva e equitativa para todos.

Ao adotar uma abordagem integrada e multidisciplinar para trabalhar identidade, pertencimento, história e memória com os alunos, eu estava buscando não apenas transmitir conhecimento, mas também promover o desenvolvimento pessoal e social dos alunos, fortalecendo seu senso de identidade, pertencimento e responsabilidade como cidadãos ativos e conscientes de sua comunidade e sociedade. Essa abordagem refletia meu compromisso com uma educação que valoriza a diversidade, promove a justiça social e capacita os alunos a se tornarem agentes de mudança positiva em seus próprios contextos e além.

Uma das estratégias que utilizei era a realização de atividades práticas e reflexivas que estimulavam os alunos a refletirem sobre sua própria identidade e conexão com a história e memória coletiva. Por exemplo, propus aos alunos que pesquisassem sobre a história de suas famílias e comunidades, identificando os principais eventos e personagens que contribuíram para sua formação e desenvolvimento ao longo do tempo.

Promovi o estudo e a análise de fontes históricas e culturais, como fotografias antigas, documentos históricos e relatos de testemunhas, que ajudavam os alunos a compreenderem melhor o contexto e as circunstâncias em que se inseriam.

Essas atividades foram projetadas para serem participativas e envolventes, permitindo que os alunos mergulhassem na história de suas próprias vidas e comunidades de uma forma significativa e pessoal. Ao explorarem suas origens familiares e locais, os alunos foram

incentivados a refletir sobre como essas experiências influenciaram sua identidade e trajetória pessoal, bem como a compreenderem melhor as interconexões entre suas vidas individuais e a história coletiva de sua comunidade.

Essa abordagem estava alinhada com a visão de Paulo Freire sobre a importância da problematização e da contextualização no processo de aprendizagem. Freire (1967) argumentava que os alunos aprendem melhor quando são desafiados a refletir criticamente sobre sua própria realidade e a relacionar os conceitos aprendidos com suas experiências pessoais e sociais.

Ao propor atividades que conectavam a história e memória coletiva dos alunos com suas vidas cotidianas, eu estava criando oportunidades para que eles desenvolvessem uma compreensão mais profunda e significativa dos temas abordados em sala de aula.

Essa abordagem também estava alinhada com as ideias de Lev Vygotsky sobre a aprendizagem como um processo social e cultural. Vygotsky (2007) enfatizava a importância do contexto social e cultural na construção do conhecimento, argumentando que a interação com os outros e com o ambiente é fundamental para o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Ao promover atividades que incentivavam a colaboração e a reflexão coletiva, eu estava criando um ambiente de aprendizagem rico e estimulante, onde os alunos podiam construir conhecimento de forma ativa e compartilhada.

Ao realizar atividades práticas e reflexivas que estimulavam os alunos a refletirem sobre sua própria identidade e conexão com a história e memória coletiva, eu estava proporcionando uma educação mais significativa e contextualizada, que valorizava as experiências e perspectivas dos alunos e os capacitava a se tornarem cidadãos críticos, conscientes e engajados em sua comunidade e sociedade.

Essa abordagem refletia meu compromisso com uma educação que vai além da mera transmissão de conhecimento, buscando promover o desenvolvimento integral dos alunos e prepará-los para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

Outra estratégia importante que empreguei foi o uso de recursos audiovisuais e tecnológicos, como filmes, documentários, jogos educativos e ferramentas digitais, que tornavam o processo de aprendizagem mais dinâmico e envolvente. Por exemplo, utilizei filmes e documentários que abordavam temas relevantes para a compreensão da identidade e pertencimento, permitindo aos alunos uma imersão mais profunda na história e cultura de diferentes povos e sociedades.

Além disso, explorei o potencial das redes sociais e plataformas *online* para estimular o debate e a troca de experiências entre os alunos, criando espaços virtuais de interação e aprendizagem colaborativa.

Essa abordagem estava alinhada com as teorias construtivistas de aprendizagem, que destacam a importância da interação ativa e da construção colaborativa do conhecimento. Lev Vygotsky (2007), por exemplo, enfatizava o papel crucial da mediação social e cultural no desenvolvimento cognitivo dos alunos. Ao utilizar recursos audiovisuais e tecnológicos, eu estava proporcionando aos alunos oportunidades de explorar e construir conhecimento de forma mais autônoma e participativa, ampliando suas habilidades de pensamento crítico, criativo e colaborativo.

O uso de recursos audiovisuais e tecnológicos também estava alinhado com as ideias de Paulo Freire sobre a importância da cultura popular na educação. Freire (1967) defendia uma abordagem pedagógica que valorizasse os conhecimentos e experiências dos alunos, integrando elementos da cultura popular no processo de ensino e aprendizagem. Ao utilizar filmes, documentários e outras formas de mídia, eu estava proporcionando aos alunos oportunidades de se engajarem com temas relevantes para suas vidas e comunidades, promovendo assim uma educação mais contextualizada e significativa.

O uso de recursos audiovisuais e tecnológicos também refletia minha crença na importância da inovação e da adaptação às mudanças tecnológicas na prática educativa. Reconheci que os alunos vivem em uma era digital, onde o acesso à informação e às mídias digitais é cada vez mais presente e importante. Portanto, ao incorporar esses recursos em minha prática pedagógica, eu estava preparando os alunos para serem cidadãos críticos e informados em um mundo cada vez mais tecnológico e globalizado.

Assim, o uso de recursos audiovisuais e tecnológicos foi uma estratégia eficaz para tornar o processo de aprendizagem mais dinâmico, envolvente e relevante, ao mesmo tempo em que promovia o desenvolvimento de habilidades essenciais para os alunos navegarem no mundo contemporâneo.

No que diz respeito à história e memória local, realizei visitas guiadas a museus, monumentos históricos e outros pontos de interesse da região, proporcionando aos alunos a oportunidade de conhecerem de perto o patrimônio histórico e cultural do seu próprio município. Durante essas visitas, os alunos eram convidados a observar, analisar e interpretar os elementos presentes no ambiente, relacionando-os com os conteúdos estudados em sala de aula e com suas próprias vivências e experiências pessoais.

Essas visitas guiadas foram concebidas como uma extensão do ambiente de aprendizagem da sala de aula, permitindo aos alunos uma imersão prática e concreta nos temas e conceitos abordados durante as aulas. Ao explorarem os museus, monumentos e pontos de interesse locais, os alunos puderam vivenciar de forma tangível os eventos e contextos históricos estudados, tornando a aprendizagem mais significativa e contextualizada.

As visitas guiadas também proporcionaram aos alunos a oportunidade de desenvolverem habilidades de observação, análise crítica e interpretação, à medida que exploravam os diferentes elementos e artefatos presentes nos locais visitados. Ao serem desafiados a relacionar essas observações com os conteúdos estudados em sala de aula e com suas próprias experiências pessoais, os alunos foram estimulados a pensar de forma mais profunda e reflexiva sobre a história e memória de sua comunidade.

Essa abordagem estava alinhada com as ideias de John Dewey sobre a aprendizagem experiencial. Dewey (1976) argumentava que a educação deveria ser centrada na experiência do aluno, permitindo-lhe aprender fazendo e refletindo sobre suas experiências. Ao proporcionar aos alunos experiências práticas e concretas através das visitas guiadas, eu estava promovendo uma aprendizagem mais ativa e participativa, que os capacitava a aplicar os conhecimentos adquiridos em situações do mundo real.

Essas visitas também refletiam minha crença na importância da educação patrimonial como forma de preservar e valorizar a história e memória locais. Reconheci que o patrimônio histórico e cultural de uma comunidade é uma parte fundamental de sua identidade e que é essencial envolver os alunos na sua preservação e valorização. Ao proporcionar-lhes a oportunidade de conhecerem e apreciarem o patrimônio de sua própria comunidade, eu estava contribuindo para o desenvolvimento de um senso de pertencimento e responsabilidade cívica entre os alunos.

As visitas guiadas a museus, monumentos históricos e outros pontos de interesse da região foram uma estratégia eficaz para enriquecer o processo de ensino e aprendizagem, proporcionando aos alunos experiências práticas e concretas que os ajudaram a compreender e valorizar a história e memória de sua comunidade. Essas visitas guiadas não apenas complementaram os conteúdos estudados em sala de aula, mas também estimularam o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e emocionais essenciais para o crescimento e desenvolvimento dos alunos.

Valorizei a participação ativa dos alunos na construção do conhecimento, incentivando-os a compartilharem suas próprias histórias, memórias e experiências com os colegas e professores. Através de atividades de produção textual, apresentações orais, projetos de

pesquisa e outras formas de expressão, os alunos tinham a oportunidade de se expressarem livremente e de contribuírem para a construção coletiva do conhecimento, desenvolvendo assim a sua autonomia, criatividade e senso crítico.

A receptividade dos alunos às atividades relacionadas à identidade, pertencimento, história e memória variava de acordo com o contexto e o perfil de cada turma, mas em geral observava uma receptividade positiva por parte da maioria dos alunos.

Percebia essa receptividade como um reflexo da abordagem pedagógica que adotava, inspirada nas ideias de Paulo Freire e Milton Santos. Freire (1967) defendia uma educação libertadora, centrada no diálogo e na participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem. Ao promover atividades que estimulavam os alunos a refletirem sobre sua própria identidade e história, eu estava seguindo os princípios freirianos de problematização e conscientização, permitindo que os alunos se tornassem agentes ativos na construção de seu próprio conhecimento e identidade.

As atividades relacionadas à identidade e pertencimento também estavam alinhadas com as ideias de Milton Santos sobre a importância do lugar na formação da identidade das pessoas. Santos (2000) argumentava que o espaço geográfico influencia diretamente a forma como as pessoas se percebem e se relacionam com o mundo ao seu redor. Ao explorar a história e memória local com os alunos, eu estava proporcionando-lhes uma oportunidade de se reconhecerem como parte de uma comunidade e de compreenderem melhor sua própria identidade em relação ao lugar onde vivem.

Ao observar a receptividade positiva dos alunos às atividades relacionadas à identidade, pertencimento, história e memória, eu via isso como uma validação da eficácia da abordagem pedagógica que adotava, baseada nos princípios de Paulo Freire e Milton Santos. Essas atividades não apenas complementavam os conteúdos curriculares, mas também estimulavam o pensamento crítico, a reflexão e o desenvolvimento pessoal dos alunos, preparando-os para serem cidadãos ativos e conscientes em suas comunidades e sociedades.

Muitos alunos se mostravam entusiasmados em compartilhar suas próprias experiências e em aprender mais sobre a história e cultura de sua comunidade, demonstrando um interesse genuíno em conhecer e valorizar seu patrimônio histórico e cultural.

Esse entusiasmo dos alunos refletia a importância de promover uma educação que valorizasse a identidade e história locais, conforme destacado por Paulo Freire. Freire (1967) defendia uma abordagem pedagógica que reconhecesse e valorizasse os conhecimentos e experiências dos alunos, permitindo-lhes desenvolver uma consciência crítica e uma compreensão mais profunda de sua realidade. Ao promover atividades que permitiam aos

alunos explorarem a história e cultura de sua própria comunidade, eu estava seguindo os princípios freirianos de educação como prática de liberdade, capacitando os alunos a se tornarem agentes ativos na construção de seu próprio conhecimento e identidade.

O entusiasmo dos alunos também refletia a importância de uma abordagem pedagógica que reconhecesse e valorizasse a diversidade cultural e étnica dos alunos, conforme destacado por Milton Santos. Santos (2000) argumentava que o espaço geográfico influencia diretamente a forma como as pessoas se percebem e se relacionam com o mundo ao seu redor, e que é essencial promover uma educação que valorize a diversidade cultural e étnica dos alunos.

Ao promover atividades que permitiam aos alunos explorarem e valorizarem sua própria identidade e cultura, eu estava seguindo os princípios de Santos (2000) de educação como prática de diversidade, capacitando os alunos a reconhecerem e valorizarem a riqueza de sua própria cultura e história. O compartilhamento de suas próprias experiências ao aprender mais sobre a história e cultura de sua comunidade era um reflexo da eficácia da abordagem pedagógica que adotava, baseada nos princípios de Paulo Freire e Milton Santos. Essa abordagem não apenas promovia o desenvolvimento acadêmico dos alunos, mas também estimulava seu desenvolvimento pessoal e social, capacitando-os a se tornarem cidadãos críticos, conscientes e engajados em sua comunidade e sociedade.

No entanto, também encontrei alguns alunos mais desinteressados ou relutantes em participar das atividades, o que exigia uma abordagem mais individualizada e motivadora para envolvê-los no processo de aprendizagem. Nestes casos, procurei identificar as causas do desinteresse ou resistência dos alunos e buscar estratégias alternativas para despertar seu interesse e engajamento.

A abordagem individualizada e motivadora refletia a importância de reconhecer e valorizar as diferentes experiências e realidades dos alunos, conforme destacado por Paulo Freire. Freire (1967) enfatizava a importância de uma abordagem pedagógica que reconhecesse e respeitasse a singularidade de cada aluno, permitindo-lhes desenvolver uma consciência crítica e uma compreensão mais profunda de sua própria realidade.

Ao procurar identificar as causas do desinteresse ou resistência dos alunos e buscar estratégias alternativas para envolvê-los no processo de aprendizagem, eu estava seguindo os princípios freirianos de educação como prática de liberdade, capacitando os alunos a se tornarem agentes ativos na construção de seu próprio conhecimento e identidade.

Ao trabalhar com atividades econômicas provenientes das comunidades tradicionais, como pesca e artesanato, reconheci a importância de promover uma educação que valorizasse a cultura e história locais, conforme destacado por Milton Santos. Santos (2000) argumentava

que é essencial promover uma educação que valorize a diversidade cultural e étnica dos alunos, permitindo-lhes reconhecer e valorizar a riqueza de sua própria cultura e história. Ao procurar estratégias alternativas para despertar o interesse e engajamento dos alunos, principalmente quando as atividades econômicas eram provenientes das comunidades tradicionais, eu estava seguindo os princípios de Santos (2000) de educação como prática de diversidade, capacitando os alunos a reconhecerem e valorizarem sua própria cultura e história.

Ao buscar uma abordagem individualizada e motivadora para envolver os alunos no processo de aprendizagem, mesmo diante do desinteresse ou resistência de alguns, eu estava seguindo os princípios de Paulo Freire e Milton Santos de reconhecer e valorizar a singularidade e diversidade dos alunos, promovendo assim uma educação mais inclusiva, significativa e transformadora. Essa abordagem refletia meu compromisso com uma educação que vai além da mera transmissão de conhecimento, buscando promover o desenvolvimento integral dos alunos e prepará-los para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

Uma das estratégias utilizadas era o estabelecimento de conexões entre os conteúdos estudados em sala de aula e as vivências e interesses individuais dos alunos, tornando o aprendizado mais relevante e significativo para eles. Por exemplo, procurei abordar temas e assuntos que estivessem relacionados com as experiências pessoais dos alunos, permitindo-lhes estabelecer uma ligação mais próxima e pessoal com o conteúdo estudado. Além disso, valorizei a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem, encorajando-os a expressarem suas opiniões, dúvidas e questionamentos, e proporcionando-lhes espaços e oportunidades para contribuírem com suas próprias experiências e conhecimentos. Ao sentirem-se valorizados e respeitados como indivíduos únicos e importantes, os alunos se tornavam mais receptivos e engajados nas atividades propostas, contribuindo assim para o desenvolvimento de um ambiente de aprendizagem mais estimulante e colaborativo.

Por fim, é importante ressaltar que a receptividade dos alunos às atividades relacionadas a identidade, pertencimento, história e memória também era influenciada pela forma como essas atividades eram planejadas, apresentadas e conduzidas por mim enquanto educador. Um ambiente acolhedor, estimulante e desafiador, aliado a uma abordagem pedagógica que valorizasse a participação ativa dos alunos e a construção coletiva do conhecimento, contribuía significativamente para o sucesso e a eficácia das atividades desenvolvidas em sala de aula.

5 PRODUTO CONSOLIDADO

Criou-se um material didático para auxiliar professores de geografia a trabalharem pertencimento e história local com os alunos em sala de aula. A ideia é que qualquer professor em qualquer parte do Brasil possa se valer dessas orientações para trabalhar pertencimento e história local com seus alunos. A seguir, a descrição do produto e detalhes sobre sua aplicação.

5.1 Descrição do produto

O material didático aqui apresentado divide-se em cinco capítulos.

O capítulo um traz informações detalhadas sobre a história de Cabo Frio, desde suas origens até os dias atuais, destacando eventos importantes, personagens relevantes e transformações ao longo do tempo.

Já o capítulo dois apresenta um panorama da cultura local, abordando manifestações artísticas, folclóricas e gastronômicas que contribuem para a identidade única da região.

O capítulo três propõe atividades práticas e reflexivas voltadas para o resgate da memória coletiva, utilizando fontes históricas, relatos de moradores e registros fotográficos para explorar aspectos pouco conhecidos da história local.

No capítulo quatro são discutidos temas relacionados à identidade e ao pertencimento, estimulando os alunos a refletirem sobre sua conexão com a cidade e a comunidade.

Por fim, o capítulo cinco aborda estratégias para a preservação do patrimônio histórico-cultural de Cabo Frio, incentivando ações concretas que visem valorizar e proteger as riquezas culturais da região.

Destinado a professores e educadores do Ensino Fundamental e Médio, esse material busca proporcionar uma experiência de aprendizagem enriquecedora e significativa, que promova o conhecimento, o respeito e o orgulho pela história e cultura locais.

5.2 Aplicação

Para aplicar o produto, basta realizar as etapas apresentadas no Quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – Passo a passo para aplicação do produto educacional

Etapas	Procedimentos
Familiarização com o material didático	O professor deve revisar o conteúdo e os recursos disponíveis em cada capítulo do material didático, compreendendo as informações e atividades propostas.
Adaptação ao contexto local	É importante adaptar o material às especificidades do contexto local, incorporando elementos da história e cultura da região em que os alunos estão inseridos.
Planejamento das atividades	O professor deve planejar as atividades de acordo com os objetivos pedagógicos e o cronograma escolar, distribuindo o conteúdo ao longo das aulas de forma coerente e organizada.
Apresentação aos alunos	Durante as aulas, o professor deve apresentar os temas e atividades propostas aos alunos, contextualizando a importância do estudo da história e identidade locais.
Realização das atividades	Os alunos devem participar ativamente das atividades propostas, seja por meio de leituras, discussões em grupo, pesquisas ou trabalhos práticos.
Exploração de recursos multimídia	O professor pode utilizar recursos multimídia, como vídeos, imagens e apresentações, para enriquecer o aprendizado e tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas.
Avaliação e reflexão	Ao final das atividades, é importante realizar uma avaliação do aprendizado dos alunos, incentivando a reflexão sobre o que foi aprendido e seu impacto no desenvolvimento do senso de pertencimento e identidade local.
Continuidade e aprofundamento	O professor pode promover atividades complementares e projetos de pesquisa que aprofundem o estudo da história e cultura local, incentivando o engajamento contínuo dos alunos com esses temas.

Fonte: Autoral (2024).

O conjunto de etapas apresentado evidencia uma proposta metodológica organizada e coerente para a aplicação do produto educacional, destacando o papel ativo do professor como mediador do processo de ensino-aprendizagem. A familiarização prévia com o material didático e sua adaptação ao contexto local reforçam a importância de um planejamento consciente, que considere as especificidades históricas, culturais e sociais do território onde a escola está inserida. Essa postura favorece a contextualização dos conteúdos e contribui para tornar o aprendizado mais significativo para os alunos.

O planejamento das atividades e a forma como os temas são apresentados em sala de aula demonstram a preocupação em alinhar os objetivos pedagógicos às práticas cotidianas, respeitando o ritmo escolar e estimulando o interesse discente. A valorização da participação ativa dos alunos, por meio de diferentes estratégias – como discussões, pesquisas e trabalhos

práticos –, fortalece o protagonismo estudantil e amplia as possibilidades de construção do conhecimento, especialmente no que se refere à história e identidade locais.

A utilização de recursos multimídia surge como um elemento complementar importante, capaz de dinamizar as aulas e aproximar os estudantes das múltiplas linguagens presentes em seu cotidiano. Por fim, os momentos de avaliação e reflexão, aliados à proposta de continuidade e aprofundamento das atividades, evidenciam que o produto não se limita a ações pontuais, mas busca promover um processo educativo contínuo, voltado ao fortalecimento do senso de pertencimento, da identidade local e da formação cidadã dos alunos.

Ao seguir esses passos, qualquer professor, em qualquer parte do Brasil, poderá utilizar o material didático para trabalhar o pertencimento e a história local com seus alunos, promovendo uma educação mais contextualizada e significativa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada em busca da compreensão da identidade de Cabo Frio revelou-se uma experiência enriquecedora e profundamente significativa. Ao longo deste trabalho, explorei as múltiplas facetas dessa cidade marcada pela história, geografia e cultura, sob a perspectiva de diversos autores contemporâneos. Neste momento de conclusão, é importante refletir sobre as principais descobertas e desafios enfrentados, assim como vislumbrar possíveis caminhos futuros para a valorização e promoção da identidade local.

Em primeiro lugar, é importante destacar a complexidade e a riqueza da identidade de Cabo Frio, que emerge como um mosaico de influências históricas, culturais e geográficas. A cidade, com sua história marcada por conflitos coloniais, desenvolvimento econômico e intercâmbio cultural, representa um exemplo vívido da diversidade e da dinamicidade da identidade brasileira. Através das lentes de autores como Peter Berger, Michel Maffesoli, Boaventura de Sousa Santos, Milton Santos e Néstor García Canclini, pudemos compreender diferentes aspectos dessa identidade, desde sua construção social até suas manifestações contemporâneas na era da globalização.

Um dos principais desafios enfrentados ao longo desta pesquisa foi a questão da preservação e valorização da memória e identidade locais em meio ao processo de desenvolvimento urbano e globalização. Cabo Frio, assim como muitas outras cidades brasileiras, enfrenta o desafio de conciliar a preservação do patrimônio histórico e cultural com as demandas por crescimento econômico e modernização. Nesse contexto, é fundamental encontrar formas de promover o desenvolvimento sustentável que respeitem e valorizem a identidade local, garantindo que as futuras gerações possam herdar um legado cultural e histórico rico e diversificado.

Outro aspecto relevante diz respeito à importância da educação na promoção da identidade local e na formação de cidadãos críticos e engajados. Como evidenciado ao longo deste trabalho, a educação desempenha um papel fundamental na transmissão e valorização da história, memória e cultura de Cabo Frio. No entanto, é necessário repensar os currículos escolares e desenvolver estratégias pedagógicas inovadoras que incorporem de forma significativa os conteúdos locais, estimulando o interesse dos alunos e promovendo um senso de pertencimento e orgulho por sua cidade.

Além disso, é importante ressaltar a necessidade de uma abordagem participativa e inclusiva na promoção da identidade local. Cabo Frio é uma cidade marcada pela diversidade étnica, cultural e socioeconômica, e é fundamental garantir que todas as vozes sejam ouvidas e

representadas na construção da identidade coletiva. Isso implica fomentar espaços de diálogo e participação cidadã, onde os diferentes grupos e comunidades possam contribuir de forma ativa para a preservação e promoção da identidade local.

Por fim, é essencial ressaltar que a valorização da identidade de Cabo Frio não se limita apenas ao âmbito local, mas também possui um importante papel na construção de uma identidade nacional mais inclusiva e diversificada. A riqueza cultural e histórica de Cabo Frio é parte integrante do patrimônio cultural do Brasil, e sua preservação e promoção contribuem para enriquecer o mosaico cultural e identitário do país como um todo.

Diante desse contexto, é evidente que a jornada em busca da compreensão da identidade de Cabo Frio é uma empreitada contínua e dinâmica. À medida que a cidade continua a se desenvolver e se transformar, é fundamental que sejam adotadas políticas e práticas que promovam a preservação e valorização da sua história, memória e cultura. Somente assim será possível garantir que Cabo Frio possa continuar a ser um lugar de encontro, diversidade e identidade para as futuras gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Mauricio de Almeida. **Escritos sobre espaço e história**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido-moderno**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2013.

BERGER, Peter. **Invitation to Sociology**: a humanistic perspective. Nova York: Anchor Books, 1963.

BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas**: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 2007.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: um tratado da sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1966.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade – lembranças de velhos**. 13ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 20 fev. 2021.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB n.º 3, de 26 de junho de 1998**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, DF: CEB, 1998. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=208901-rceb03-98&category_slug=setembro-2021-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 23 out. 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

CABO FRIO. **História de Cabo Frio**. Cabo Frio: 2024. Disponível em: https://www.cabofrio.rj.gov.br/historia-de-cabo-frio. Acesso em: 23 out. 2023.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da Modernidade. São Paulo: EDUSP, 1990.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da Modernidade. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. **História Oral**, v. 9, n. 1, p. 125-141, jan./jun. 2006.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

IBGE. **Censo Demográfico 2022**: População e Domicílios - Primeiros Resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102011.pdf. Acesso em: 12 jan. 2024.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar da Educação Básica 2019**. Brasília, DF: INEP, 2020. Disponível em: https://inepdata.inep.gov.br. Acesso em: 16 fev. 2021.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

MOURA, José Francisco de; MOREIRA, Luiz Guilherme Scaldaferri. **História de Cabo Frio**: dos sambaquieiros aos cabo-frienses (c. 3.720 a. C. – 2020). Cabo Frio: Sophia Editora, 2020.

RIBEIRO, Flávia Maria Franchini; MOREIRA, Luiz Guilherme Scaldaferri (Org.). **Cabo Frio**: 400 anos de história, 1615-2015. Brasília, DF: IBRAM, 2017.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica – teoria da história**: fundamentos da ciência histórica. Brasília, DF: UnB, 2001.

RÜSEN, Jörn. **História viva – teoria da história**: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília, DF: UnB, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 79, p. 71-94, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2010.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. São Paulo: USP, 2006.

SILVA, Armando Correia da. Aparecer, ser e forma. **GEOgraphia**, ano II, n. 3, p. 7-25, 2000.

SCHMIDT, M. A. M. S. Documentos em estado de arquivo familiar e a construção de arquivos simulados: uma experiência da educação histórica. *In*: OLIVEIRA, Margarida Maria

Dias de; CAINELLI, Marlene (Org.). **Múltiplos ensinos em múltiplos espaços**. Natal: EDUFRN, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZAMBONI, Ernesta. **O ensino de história e a construção da identidade**. São Paulo: SEE/CENP, 1993.